



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



NORDEVALDO DOS SANTOS

# **A VOZ DOS MEUS AVÓS: NARRATIVAS GALIBI-MARWORNO**

MACAPÁ/AP  
2022

**NORDEVALDO DOS SANTOS**

**A VOZ DOS MEUS AVÓS: NARRATIVAS GALIBI-  
MARWORNO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLET) da Universidade Federal do Amapá, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Literatura, Cultura e Memória

Orientadora: Fernanda Cristina da Encarnação dos Santos

MACAPÁ-AP  
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Biblioteca Central da  
Universidade Federal do Amapá

Elaborada por Jamile da Conceição da Silva – CRB-2/1010

---

Santos, Nordevaldo dos.

S237v A voz dos meus avós: narrativas Galibi-Marworno / Nordevaldo dos Santos. - 2022.  
1 recurso eletrônico. 83 folhas.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Campus Marco Zero, Universidade  
Federal do Amapá, Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras, Macapá, 2022.

Orientadora: Professora Doutora Fernanda Cristina da Encarnação dos Santos.

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

Inclui referências, apêndices e anexos.

1. Índios da América do Sul – Brasil - Cultura material. 2. Povos indígenas – Amapá  
(AP) – Usos e costumes. 3. Índios Galibi- Marworno. 4. Narrativas orais. I. Santos,  
Fernanda Cristina da Encarnação dos, orientadora. II. Título.

Classificação Decimal de Dewey. 22.<sup>a</sup> edição, 498.2098116

---

SANTOS, Nordevaldo dos. **A voz dos meus avós**: narrativas Galibi-Marworno. Orientadora:  
Fernanda Cristina da Encarnação dos Santos. 2022. 83 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Campus  
Marco Zero, Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras,  
Macapá, 2022.

NORDEVALDO DOS SANTOS

## A VOZ DOS MEUS AVÓS: NARRATIVAS GALIBI-MARWORNO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLET) da Universidade Federal do Amapá, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Literatura, Cultura e Memória

Orientadora: Fernanda Cristina da Encarnação dos Santos

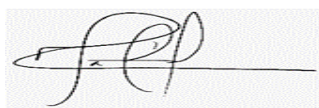
Data da aprovação: 01/06/2022

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:



---

Presidenta e Orientadora: Fernanda Cristina da Encarnação dos Santos  
Universidade Federal do Amapá



---

Membro Titular: Natali Fabiana da Costa e Silva  
Universidade Federal do Amapá



---

Membro Titular: Ivânia dos Santos Neves  
Universidade Federal do Pará

---

Local: Campus Marco Zero do Equador  
Universidade Federal do Amapá  
Macapá-Amapá

## RESUMO

Este trabalho de dissertação de Mestrado faz parte da pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amapá. Transcrevi da oralidade do povo Galibi-Marworno as seguintes narrativas: Ixtwa Teiweiô/História do Bacurau; Ixtwa Tutxi Ketxig/História do jabuti e da onça; A história do lapwsiê (Sete Estrelas); Ixtwá Sarakurá/História da Saracura e Maguari; História do xamã Fākoni e Gil Pól; A história do Txikwã; A história do passarinho órfão; A história do Ho-Ho (História do anão subterrâneo). As histórias foram contadas pelos anciãos da aldeia Kumarumã. Analisei as narrativas orais tendo em conta tempo, espaço, personagens e símbolos. Seu principal objetivo foi visibilizar a cultura e a memória do povo Galibi-Marworno, as suas práticas e seus saberes tradicionais. A metodologia usada, nesta pesquisa, foram as entrevistas e a coleta local de narrativas contadas. Para além disso, usei pesquisa bibliográfica, como obras e revistas científicas sobre o assunto. Como resultado, obtive um conjunto de contos tradicionalmente narrados em contextos específicos, muitas vezes acompanhadas de performance, dança, música, etc. Estes registros pretendem contribuir para resguardar a memória dos Galibi-Marworno para as futuras gerações e fazer com que esse acervo se torne uma fonte de pesquisa para novos estudos acadêmicos.

Palavras Chaves: Povos indígenas do Amapá. Povo Galibi-Marworno. Narrativas orais. Cultura indígena. Memória.

## REZUM

Sa thavai dji djisehtasiō dji mestrad (text dji kwalifikasiō) ka fe pa dji peskiz ki kumase la program dji um ghã deghe dji lekól ã lét la Univehsite Fedehal dji Amapá. Mo ekhi koze-iela dji mo pov Gaibi-Marworno suje ixtwá-iela: ixtwá teweio; ixtwá tutxi ke txig; ixtwá dji ghã piai fākomi e gil pól; ixtwá dji tykwã; ixtwá dji txizozo yawaku ixtwá dji ho-ho dābwá. Ixtwá-iela a ghamun dji lakumin dji kumahumã mem ki hakōte. Mo xitoto ixtwá-iela mo pesuve ki i gāiē tā, pas, mun ke animal i khek bagaj ki ka phwezāte un not bagaj. Sa peskiz-la ka sase valohize labitxwil i memwá dji no pov Galibi-Marworno, dji ki ie te ka phatxike dji ie konetmã thadjisionel. Zés ki mo ize la sa peskiz-la a koze ke ghamun-iela i hasāble ifohmasiō dji ixtwa-iela dji phop kote-la mem. Āplis dji sa mo fe peskiz lādã liv thavai dji ghã methes ki deha publike suje asūt-la. Ke benefis dji sa no hasāble un kāt xite dji ixtwá thadjisionel ki ie ka hakōte lādã un lukaziō especial, buku fwe ie ka hakōte ixtwá ie ka fe zés, ie ka dāse, ie ka xāte i wat bagaj ki ie ka fe. Ke sa mo vinī itehese dji sehe sa memwá dji mo khāpapa-iela pu no gāiē pi djivã po no pitxit-iela, pu fe ki sa hixez-iela tonē kom un bō thavai dji peskiz lādã ghã lekól.

Pahól Xav: Pov ēdjē-iela dji Amapá. Pov Galibi-Marworno. Ixtwá. Labitxwil ēdjē. Memwá.

Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO 1: BREVE HISTÓRICO DO POVO GALIBI-MARWORNO</b> .....	<b>8</b>
1.1. ALDEIA KUMARUMÃ .....	12
1.2. EDUCAÇÃO TRADICIONAL GALIBI-MARWORNO .....	12
1.3. SAÚDE TRADICIONAL GALIBI-MARWORNO .....	16
1.4. CONSTRUÇÃO DAS NOVAS ALDEIAS .....	21
1.5. RELIGIÃO.....	23
1.6. MEIO DE TRANSPORTE .....	26
1.7. ARTESANATO .....	27
<b>CAPÍTULO 2: AS NARRATIVAS GALIBI-MARWORNO</b> .....	<b>29</b>
2.1. A NARRATIVA IXTWA TEWEIÔ DO POVO GALIBI-MARWORNO .....	29
2.2. ANÁLISE DO CONTO: PERSONAGENS.....	33
2.2.1 ESPAÇO(S) NO CONTO.....	34
2.3. IXTWA TUTXI KETXIG (A HISTÓRIA DO JABUTI E A ONÇA) .....	35
2.3.1. ANÁLISE DA HISTÓRIA DO JABUTI E A ONÇA.....	41
2.3.2. O TEMPO DENTRO DA NARRATIVA.....	42
2.4. PÚBLICO-ALVO DAS NARRATIVAS .....	42
2.5 A IMPORTÂNCIA DE OUVIR E CONTAR HISTÓRIAS .....	43
2.6. ANÁLISE DA HISTÓRIA DO LAPWSIÊ (SETE ESTRELAS) .....	44
2.6.1 O CONTADOR DE HISTÓRIAS .....	44
2.6.2. COMPORTAMENTO DAS PERSONAGENS .....	45
2.6.3 METAMORFOSES .....	45
2.7. ANÁLISE DO CONTO: O FAMOSO PESCADOR (SARACURA E MAGUARI).....	46
2.8. ANÁLISE DA HISTÓRIA DO XAMÃ FÃKONI E GIL PÓL.....	47
2.8.1 TEMPO NA NARRATIVA .....	48
2.8.2. KARUANAS.....	48
2.9. ANÁLISE DA HISTÓRIA DO TXIKWÃ.....	49
2.9.1. PERSONAGENS .....	50
2.9.2. AS BOAS NOVAS.....	50
2.9.3. A SOLTURA DA POMBA E DO URUBU .....	50

2.9.4. METAMORFOSE.....	51
2.10. ANÁLISE DA HISTÓRIA: OS PÁSSAROS.....	53
2.10.1. CANTOS.....	53
2.11. ANÁLISE DA HISTÓRIA DO HO-HO (HISTÓRIA DO ANÃO SUBTERRÂNEO) .....	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	57
ANEXO A – MAPA DAS TERRAS INDÍGENAS DO MUNICÍPIO DO OIAPOQUE.....	58
ANEXO B – CAROÇOS DE TUCUMÃ.....	59
ANEXO C - ARRAIS QUE A PARTEIRA UTILIZA PARA USAR NO PARTO.....	60
ANEXO D – OSSOS DA TIREÓIDE DO MACACO GUOARIBA.....	61
ANEXO E – OBJETO DA PALMEIRA NAJASEIRA (CROATÁ).....	62
ANEXO F – MAPA DA REGIÃO DO RIO UAÇÁ.....	64
APÊNDICE A – A HISTÓRIA DO LAPWSIÊ (SETE ESTRELAS).....	66
APÊNDICE B – HISTÓRIA DO SARACURA E MAGUARI (IXTWÁ SARAURÁ).....	73
APÊNDICE C – HISTÓRIA DO XAMÃ FÃKONI E GIL PÓL.....	75
APÊNDICE D – A HISTÓRIA DO TXIKWÃ.....	79
APÊNDICE E – A HISTÓRIA DO PASSARINHO ÓRFÃO.....	81
APÊNDICE F – A HISTÓRIA DO HOHO (HISTÓRIA DO ANÃO SUBTERRÂNEO).....	82

## INTRODUÇÃO

As narrativas orais registradas diretamente das memórias dos velhos sábios – detentores do conhecimento do tempo em que os animais eram gente e falavam uma língua que todos entendiam – são um patrimônio imaterial bastante valioso. Elas expressam o conhecimento tradicional cultural do povo indígena brasileiro, e nesta dissertação, trataremos em especial dos Galibi-Marworno, que vivem no estado do Amapá.

A língua atual falada pelos Galibi-Marworno é o Kheoul, embora a grande maioria fale também a língua portuguesa. A língua nativa desse povo era o Galibi e dela, hoje, subsistem apenas alguns vocábulos, mas a cosmologia sociedade, com suas transformações históricas, continua presente entre eles. Foi uma honra poder conhecer, através de quem os ouviu, as narrativas dessa cosmologia contadas pelos velhos, que foram repassando de geração em geração.

Contar histórias, entre os povos indígenas, é uma atividade que reúne um grupo para ouvir um acontecimento, são práticas que se desenvolvem de acordo com seus cerimoniais e a vida do dia a dia. Existem narrativas que são contadas e acompanhadas pelos cantos tradicionais, como é o caso dos contos fúnebres. Muitas outras também são contadas e acompanhadas por canções em várias ocasiões. Algumas narrativas podem ser contadas sem acompanhamento de cantos.

A presente pesquisa traz como título “A voz dos meus avós: narrativas Galibi-Marworno” e tem como principal objetivo visibilizar as narrativas tradicionais Galibi-Marworno, que são contadas em várias circunstâncias importantes, como nos velórios, em grandes viagens, em mutirões e, principalmente, após ou durante as refeições e antes de dormir. O ponto de partida deste trabalho foram as narrativas orais do povo Galibi-Marworno.

Esta dissertação tem em conta a valorização das narrativas orais do povo Galibi-Marworno, contadas por anciões da aldeia à qual pertenço, ou seja, são parte da minha identidade e da memória coletiva. Com este trabalho, procuro mostrar a importância das culturas indígenas e a sua presença na universidade, uma vez que sou aluno da primeira turma do Mestrado em Letras da UNIFAP.

As ações estratégicas da pesquisa e de análise envolveram, primeiro, o levantamento feito em livros e revistas científicas que tratam de assuntos referentes às narrativas. Em seguida, foi realizada uma pesquisa de campo onde foram ouvidos alguns contadores de

histórias da aldeia Kumarumã, onde alguns contaram a mesma história, porém com versões diferentes. Com este trabalho, poderemos contribuir com a preservação das valiosas narrativas que ainda estão na memória dos anciões. Atualmente, com a influência das culturas de sociedades dominantes, posso dizer que a prática de contar histórias vem perdendo espaço em minha comunidade, comprometendo a prática cultural, pois a maioria das pessoas da aldeia Kumarumã já não quer mais valorizar esses conhecimentos.

Quando realizei o trabalho de coleta de narrativas orais, deparei-me com a dificuldade de entrevistar algumas pessoas da aldeia, durante o ano de 2020, por conta da pandemia de coronavírus e de todas as dificuldades pessoais enfrentadas. A realização da pesquisa teve vários obstáculos, uma vez que a doença se espalhou na aldeia e comprometeu a segurança de todos nós.

Este trabalho está dividido em três capítulos: no primeiro capítulo, aborda-se o breve histórico do povo Galibi-Marworno, bem como a sua origem e sua organização social. Aspectos como sociedade, religião, educação e saúde foram trabalhados em maior detalhe, em cada subcapítulo. No segundo capítulo, trato da coleta das narrativas tradicionais contadas pelos anciões da comunidade de Kumarumã, a partir do conhecimento da coletividade, por meio de algumas entrevistas e pelo meu pertencimento à comunidade. Depois de cada história narrada, analiso aspectos como personagens, tempo, espaço, circunstância e alguns símbolos, bem como considero o público-alvo dessas narrativas. O terceiro capítulo trata de aspectos transversais às narrativas que analisei, tendo em conta a bibliografia trabalhada sobre o povo Galibi-Marworno. Esses aspectos são aqueles que se destacam nas histórias narradas.

## CAPÍTULO 1: BREVE HISTÓRICO DO POVO GALIBI-MARWORNO

Neste capítulo, para apresentar a história dos Galibi-Marworno, tomarei como referência a pesquisa realizada por Vidal (2009), mas, principalmente, os relatos feitos por moradores antigos da região, que me contaram como aconteceu a história desse povo nessa região. As narrativas orais de contato são fundamentais para o conhecimento desses acontecimentos.

Conforme as narrativas históricas contadas pelo povo Galibi-Marworno, na região do baixo Oiapoque vivem quatro povos indígenas que são: Galibi-Marworno, Karipuna, Palikur e Galibi Kali'na, que somam uma quantia de aproximadamente 7.000 indivíduos, distribuídos em 50 e poucas aldeias e localidades menores, situadas nas terras indígenas Uaçá, Juminã e Galibi, todas demarcadas e homologadas (ANEXO A).

Quadro 01 - Línguas faladas no Baixo Oiapoque- AP	
Língua	Povo
Karib	Galibi Kali'na
Aruak	Palikur
kheuól	Galibi-Marworno e Karipuna

A maioria desses povos fala também o português e francês. Segundo Vidal (2009, p. 11), “a memória do grupo indica como descendentes das etnias Marworno, Aruã e Galibi.

Havia também outros habitantes da bacia do Uaçá com quem os Galibi-Marworno não faziam aliança, seja porque não eram batizados ou por não terem obedecido as regras de respeito entre grupos”, sendo estes Aruak, Arakare e Urukuyan.

Os Marworno são mencionados pela literatura como autóctones da bacia do Uaçá no século XVII, época em que a população Galibi habitava toda a costa da Guiana. No final deste século, tem início a migração dos Aruã, da ilha do Marajó até a Guiana Francesa, em fuga das perseguições dos portugueses (VIDAL, 2009, p. 11).

Segundo o depoimento do senhor Arcênio Monteiro, 75 anos, morador de vários aldeamentos da região do Uaçá, e atualmente estabelecido na aldeia Kumarumã, pai de sete filhos, seus pais e avós contavam que antigamente viviam na região do Uaçá os índios Arakarê, antigos povos Palikur. A concentração maior desse povo era na ponta da montanha Tipoca conhecido como Karwmayrá; lá os índios viviam tranquilos, sem nenhuma

perturbação. Segundo o informante, um grupo de índios Galibi veio de Maná, uma região da Guiana Francesa, fugindo de perseguições em busca de paz e de território para ocupar. Este grupo entrou no rio Uaçá (ANEXO F) viajando por vários dias. Ao aproximar-se da montanha Tipoca, eles perceberam que já havia povos ocupando aquela região, pois viram rastros de pessoas e sinais de corte nas árvores. Decidiram então não prosseguir a viagem e acamparam na beira do rio, hoje conhecido como “Galibi” (parada de pescadores).

Segundo José Charles, mais conhecido como JáK, também morador de várias localidades da referida região, nesse período era tempo de lua cheia e os índios Arakares estavam em movimento festivo. Por esse motivo, os Galibis planejaram um ataque contra eles: saíram à noite para espiá-los, aproveitando o momento da distração daquele povo para surpreendê-los. Ao chegarem perto da aldeia, avistaram uma mulher que se tinha sentado embaixo de uma casinha, um pouco afastada do local da dança, por estar no seu período menstrual e não poder participar da festa, segundo a regra do Turé. No entanto, pegaram essa mulher, amarraram-na e forçaram-na a indicar onde os guerreiros escondiam suas armas. Ela, com muito medo, acabou entregando as armas; os Galibis conseguiram roubar uma parte desse material, levaram ainda consigo a mulher e voltaram para o seu local de esconderijo.

Nesta ocasião, disse o meu interlocutor, uma criança prestigiou toda a encenação e depois foi avisar os seus pais, que ficaram comovidos com aquilo que ouviram e logo saíram atrás, ao encontro da mulher. Eles encontraram-na ainda com vida, acorrentada e sentada na popa de uma canoa, chorando amargamente. Conseguiram recuperá-la e logo atacaram os Galibi enquanto dormiam e retornaram ao vilarejo com preocupação, já não tiveram mais tranquilidade, começaram a se preocupar, sabendo que iriam encontrá-los novamente.

Em pouco tempo os Galibis resolveram encarar novamente os Arakarês. Ambos anunciavam a batalha através de flautas. A partir de então, eles passaram a guerrear pela disputa do território. A batalha acontecia principalmente durante o período de verão, porque a maior parte da região é formada por campos alagados e no inverno torna-se difícil a invasão e a caça aos inimigos. Os Galibis avançaram sobre o vilarejo e, quando chegaram ao pé da montanha, começaram a atirar flechas em suas direções.

Os Arakarês, por sua vez, estavam em vantagem e, por estarem posicionados em cima da montanha, atiravam flechas com facilidade, largavam troncos de árvore e pedras de cima para baixo. Mesmo assim, os Galibis não desistiram de continuar a guerrear, até que os Arakarês desistiram e fugiram para outro local chamado *hóx txig* (pedra da onça), onde passaram a morar por pouco tempo. Depois saíram desse local, porque havia ali muitas

onças que podiam devorá-los sobretudo durante a noite, e se espalharam por toda a região do Uaçá e Urukauá. Aqueles que foram para a região do Uaçá habitaram em várias ilhas e pontos de terra firme conhecidos hoje como Zile Kaimã, Pwen lamã, Kuhãiri, Paraiko e outros.

Afirma o Arcênio que os Galibis, por sua vez, voltaram para Maná, em busca de mais guerreiros para lutar. Ao retornarem pela última vez, não encontraram mais os Arakarês vivos, pois uma grande epidemia (cuja doença o informante não identificou) atacou a aldeia e muitos índios foram mortos. Os Galibis percorreram todo o rio Uaçá, encontraram ainda uma pessoa deitada no chão passando muito mal e viram muitos corpos em estado de decomposição. Com isso, os Galibis voltaram para Maná, o seu lugar de origem e, depois de pouco tempo, três famílias retornaram para a região do Uaçá sendo estas Regis, Faiur e Kapiten Oguis – famílias que ocuparam essa região.

Depois desse episódio, houve a invasão de muitos outros povos na região do Uaçá, vieram nações Maraon e Arwá para habitar e conviver nessa região, juntamente com os Galibi. A partir desse momento, houve miscigenação e originou-se o povo Galibi-Marworno. Nesse tempo, os Galibi falavam a sua língua original (galibi antigo), eram um grupo minoritário cuja formação era recente.

Afirma o pajé José Andrade Monteiro, Galibi-Marworno, também morador de várias localidades do Uaçá, que os Marworno eram uma raça de pessoas de grande estatura e a cor das suas peles era parda, enquanto os Arwá eram uma raça de pequena estatura, barriguda e com pernas grossas. Além dessas nações, migraram também para a referida região outros grupos étnicos, fugindo de guerras, perseguições de escravização, entre eles os caboclos, negros, saramakás e até chineses, que povoaram a região do Uaçá. Todas essas nações falavam sua própria língua. A partir dessas influências, a língua Galibi começou a sofrer ameaças, porque o povo Galibi era um grupo pequeno recém formado e os emigrantes invadiam constantemente para exploração de ouro e de outros recursos.

Outra informação importante recolhida junto à senhora Maria Vivi dos Santos foi sobre o domínio da língua Kheuól. Ela relatou que neste período quem dominava os Galibis eram os negros, eles conquistavam os indígenas através de doações de alguns objetos de uso doméstico como: tecido, turbante, forno, facão, machado, anzol, panela; também traziam cachaça, tabaco, munição, arma de fogo e outras mercadorias, de acordo com as suas necessidades.

Além disso, alguns deles casaram e formaram laços familiares com os Galibis, outros eram considerados, na época, como patrões e exploravam ouro na região, trabalhando

manualmente e contratando alguns indígenas como trabalhadores braçais nos estaleiros para extrair ouro. Outros trabalhavam como proeiro<sup>1</sup> e canoeiro<sup>2</sup> de grandes batelões para transportar mercadorias para o garimpo do Lourenço, no alto rio Cassiporé – trecho conhecido pelos negros como “laho mĩdo” – e também no alto rio Uaçá, local conhecido como lédji. Tudo isso acontecia porque os indígenas Galibi-Marworno lhes obedeciam, pois tudo aquilo que pediam era atendido.

Conta ainda Maria Vivi que alguns negros eram regatões, chegando a montar pequenos comércios nas ilhas do alto rio Tapamurú, da região Uaçá, como também nas ilhas do alto rio Uaçã. Segundo o depoimento da Conceição dos Santos, também indígena Galibi-Marworno, e moradora de várias localidades da região Uaçá, os negros falavam Kheuól da Guiana e ensinavam os indígenas a falar essa língua. Havia um padre que pregava para os indígenas a palavra de Deus em Kheuól e lhes ensinava a fazer o sinal da cruz antes de praticar certas atividades. Como eles também precisavam aprender o kheuól para poder se comunicar uns com os outros, foram praticando isso no cotidiano e aos poucos foram misturando o Kheuól com o Galibi até esquecer a sua língua. Hoje alguns anciões relembram poucas palavras em “Galibi antigo”, principalmente quando estão na festa do Turé, quando cantam canções tradicionais e quando contam histórias. É nessas ocasiões que vêm à memória algumas palavras ou frases em Galibi.

Atualmente, com a influência do mundo globalizado, a nossa língua Kheuól sofre cada vez mais influência da língua portuguesa, que é majoritária. Percebemos que a modificação está no dia a dia dos jovens que estão misturando o português com o Kheuól. Assim originou-se o povo Galibi-Marworno da região do Uaçã, culminando, dentre outras coisas, na perda da sua língua por causa dessa influência.

Desde o princípio, quando o povo Galibi-Marworno se formou para ocupar a região, eles sempre moravam espalhados em pequenos vilarejos, ocupando as ilhas e a ponta da terra firme. Depois de muitos anos, quando as escolas chegaram à região, os Galibi-Marworno aos poucos foram reunidos numa única aldeia, denominada Kumarumã. Assim, eles abandonaram seus aldeamentos para se estabelecer onde hoje é a grande vila de Kumarumã.

## 1.1. ALDEIA KUMARUMÃ

---

<sup>1</sup> O proeiro ou proa é um tripulante que, posicionado mais na proa da embarcação, torna-se responsável pela regulagem das velas.

<sup>2</sup> Aquele que dirige uma canoa.

A grande aldeia Kumarumã está localizada firmemente à margem esquerda do rio Uaçá. Esse espaço é organizado em forma de meia lua, contornando o campo alagado no inverno e lamacento no verão. Cinco extensas pontes, sendo uma delas oleoduto (onde passa o óleo da embarcação e do gerador de energia), por vezes, são usadas pelas pessoas como passarela; as outras quatro pontes de madeira passam por cima desse campo.

As casas estão muito próximas umas das outras; mesmo assim, o espaço disponível para novas construções está se esgotando. Parte da espaçosa mata já foi distribuída e o fértil solo está dando sinais de erosão em vários pontos. A distribuição espacial se fez nos seis pontos: a idosa e sábia ponta do Manga, no meio localiza-se a poderosa casa de força e a encurvada Rua Vila Nova, ao fundo da aldeia está a animada Vila Esperança, à esquerda fica a empalmeirada Ponta da Bacaba onde se encontra a usina elétrica, a igreja evangélica, o campo de pouso e o campo de futebol. À esquerda repousa a ventilada Vila Bambu e, finalmente, a ponta do grupo, onde se localizam o posto da FUNAI, a Escola, o Posto de Saúde e o alojamento, a sede do CIMI, a Casa da Juventude a igreja Católica, a sede da antiga AGM e a central Telemar.

À margem da aldeia, encontram-se as simples casas de farinha e os humildes estaleiros individuais das famílias, com a sua inseparável canoa. As casas são construídas em madeira, cobertas de onduladas telhas e assoalhadas de tábuas rústicas. A maioria das casas hoje é construída de piso e alvenaria coberta de zinco.

## 1.2 EDUCAÇÃO TRADICIONAL GALIBI-MARWORNO

O povo Galibi-Marworno, muito antes de grandes contatos com a sociedade envolvente, vivia espalhado ocupando as ilhas e as pontas de terra firme da região do Uaçá. Nesse tempo, o povo Galibi-Marworno tinha um tipo de educação tradicional, aquela educação que os filhos observavam seus pais praticando certas atividades do dia a dia, tais como atividades de subsistência, caça e pesca, confecções de alguns objetos de uso doméstico e outros utensílios, de acordo com a necessidade do povo.

As crianças vão observando e logo após vão imitando tudo. Suas brincadeiras são destinadas ao aprendizado e à prática das tarefas que deverão assumir quando adultos. Um menino, por exemplo, brinca de fabricar arco e flecha em miniatura para caçar animais. E a menina também, na sua brincadeira, se dedica a ser mãe e a confeccionar certos utensílios em miniatura. A educação das crianças geralmente era compartilhada por todos.

Outro exemplo de educação tradicional, muito utilizado pelo povo, era por meio de narrativas que os pais transmitiam às crianças e aos jovens, lições ligadas ao crescimento e à vida em comunidade, constituídas por valores tradicionais. Por exemplo, um menino quando está na fase da adolescência, entre os 12 e os 13 anos, recebe certos cuidados especiais dos seus pais. Nessa faixa etária, diz o povo Galibi-Marworno que o menino está em fase de transformação corporal, pois começam a crescer os músculos e há mudanças na voz. Nesse período, os pais proíbem os seus filhos de ter contato direto com as meninas, pois eles podem, numa simples brincadeira, sofrer um empurrão e uma pancada nos braços, que conseqüentemente pode causar panema<sup>3</sup> na atividade de caça e pesca.

Quando um filho está quase alcançando essa fase, o pai já vai providenciando seus objetos de caça e pesca, de acordo com seu tamanho, e proíbem as mulheres de tocar nesses objetos, principalmente quando tiverem em seu período menstrual. Algumas meninas podem embarcar na sua canoa para lavar roupa, costume antigo das mulheres indígenas Galibi-Marworno. Somente o pai ou o irmão mais velho podem tocar nesses objetos. Aqui estão alguns exemplos de como os pais transmitem conhecimentos tradicionais aos seus filhos.

As meninas, por sua vez, também recebiam cuidados especiais das suas genitoras, quando estavam no seu primeiro ciclo menstrual, na base dos conhecimentos tradicionais transmitidos pela mãe. Os pais também ensinavam aos seus filhos outras distrações, como confeccionar os brinquedos tradicionais para serem usados no dia a dia, utilizando matéria-prima da própria natureza como: tala de buriti, tala de arumã, cipó, aninga, folha de palmeiras, croatá<sup>4</sup> (ANEXO E), cera de abelha, asa de besouro, vareta, caroço de tucumã (ANEXO B) e outro, de acordo com a necessidade, antes do contato com as outras sociedades, além de outros recursos industrializados trazidos de fora, tais como: latas, tampinhas de garrafas, barbante, pano, caixa de fósforos, saco plástico, garrafa etc.

A partir da chegada do SPI (Serviço de Proteção ao Índio) na região do Uaçá, a convivência do povo Galibi-Marworno, aos poucos, foi se modificando, principalmente quando foi ofertado outro modelo de educação considerado como educação para indígena, aquela educação que forçava os alunos a falar, a ler e a escrever em português, língua oficial do Estado brasileiro. Esse modelo de educação veio desestruturar, dentro do contexto social

---

<sup>3</sup> Panema significa falta de sucesso em atividades de caça ou pesca.

<sup>4</sup> O Caraguatá-acanga é uma planta terrestre, da família das bromeliáceas, que existe em regiões do México e do Brasil, com folhas dispostas em roseta, serreadas, inflorescência corimbosa com muitas flores, escapo muito curto, com brácteas vermelhas e pétalas róseas.

do povo Galibi-Marworno, o modelo tradicional de aprendizagem indígena. Com isso, o povo aos poucos foi abandonando suas práticas culturais para se adaptar a outro contexto social.

Contam os antigos que o SPI implantou, na região do Uaçá, a primeira escola em 1935, que funcionou em uma ilha conhecida pelo povo como Zile Pós (Ilha do Posto), onde o povo se reunia constantemente. Ali era primeira aldeia localizada à margem do rio Uaçá, e todos que vinham de Oiapoque tinham que encostar naquela aldeia, porque era a primeira que se avistava. Por esse motivo, a escola foi implantada naquela ilha por ter sido a primeira aldeia localizada ao longo do rio Uaçá.

A senhora Moziana dos Santos, indígena Galibi-Marworno, moradora de várias ilhas da região do Uaçá, hoje mora na grande aldeia kumarumã, a mais idosa de todos os moradores da aldeia kumarumã tem 100 anos, não consegue mais enxergar, apenas ouve, é mãe de nove filhos, sendo quatro mulheres e cinco homens foi uma importante interlocutora dessa pesquisa. Ela relata que a primeira escola realmente funcionou nas ilhas do Pós (Ilha do Posto), aldeia onde moravam algumas famílias como: seu Dadá, Elfei, Fifino e Kĩdu, meu avô paterno. Ela afirma que estudou ali naquela ilha, o professor era o senhor Abelardo.

Esse período foi muito difícil para eles, porque não entendiam o português, a língua que o professor falava. Ela diz que, nessa época, as aulas não funcionaram bem, por acidente de disparo de uma arma que matou o indígena por nome Gastõ e surpreendeu a todos. A escola não funcionou por um tempo. Gastõ era um indígena contratado pelo professor Abelardo para trabalhar com ele. A arma não disparou na mão do professor, mas estava carregada e incrivelmente disparou na direção do indígena, que morreu na hora. Abelardo ficou com medo de ser torturado pelos indígenas e logo resolveu ir embora.

Nesse tempo, todas as crianças e os jovens eram obrigados a estudar, tendo que sair de outras ilhas de onde moravam para ir estudar na Ilha do Pós. Os pais ou irmãos mais velhos tinham que os levar para a escola, enquanto os jovens iam sozinhos. Era uma grande dificuldade, pois os alunos tinham que ir à escola de canoa, empurrando com varejão no campo ou remando no rio enfrentando o sol. Com essa dificuldade, os alunos acabaram por não frequentar constantemente as aulas. Por essa razão, o então coordenador do SPI, Eurico Fernandes, fez um apelo às lideranças Galibi-Marworno para reunirem todos os membros desse povo com o objetivo de conscientizar todos a se juntarem numa única aldeia para poder construir uma escola que atendesse a todos e funcionasse de fevereiro a dezembro. Como na época a lei do SPI era rígida, o povo, de qualquer maneira, tinha que aceitar, quisesse ou não.

Este projeto, logo de início, trouxe um impacto muito grande para as famílias Galibi-Marworno, as quais não queriam abandonar seus vilarejos, muito menos o local onde eram construídas as roças. Assim, o povo demorou um tempo para se adaptar. Com esse processo de transição, muitas famílias acabaram ficando sem roças e prejudicadas por um ano. Depois que foi construída a escola, alguns alunos que moravam longe no alto rio Uaçá e outros no rio Tapamuru, trecho que fica a leste da ilha do Kumarumã, tinham que deixar suas aldeias pelo tempo que funcionavam as aulas, para morarem com os professores ou parentes. Aqueles que residiam junto aos professores, antes de se adaptarem, sofreram uma série de dificuldades na alimentação e na comunicação, além de não se acostumarem a conviver dentro de casa trancados, pois sempre tinham saudade das famílias e daquela convivência natural. Os pais sempre traziam farinha, peixe, carne de caça, cana, cará e macaxeira para seus filhos.

Muitas crianças não queriam estudar porque estavam com medo de ser punidas, pois o castigo na época era muito agressivo. Os alunos, quando eram destinados ao castigo, muitas vezes tinham que se ajoelhar no caroço de farinha, de milho ou até em cima de ralo de mandioca, além de levar cascudo na cabeça, puxão de orelha e apanhar com palmatória; por isso as crianças se escondiam no mato.

Então, com a chegada do SPI, a implantação da educação e outros projetos que vinham desenvolver na região, dizem que em prol da comunidade, não foram obtidos bons resultados. Com isso o povo sofreu bastante as consequências dos projetos.

Segundo o depoimento<sup>5</sup> do ex-cacique Paulo Roberto da Silva:

Na época do SPI, Djalmo era o chefe do posto ele quem executava autoridade ali, era responsável pela execução dos projetos, por exemplo, a criação de bovino, suíno e caprino. Este projeto prejudicava muitos os indígenas, porque os animais praticamente viviam junto com o povo muitas vezes invadiam a comunidade, corriam atrás das pessoas, as fezes e o mijo dos animais causavam muitas frieiras nos pés entre os dedos, além disso comiam as mandiocas e a massa que ficava nos carbê (casa onde é fabricada a farinha) muitos gados se envenenavam com tucupi e morriam. Por causa desse fato o dono do carbê teve que ser penalizada e pegavam uma semana de faxina, roçando ao redor da aldeia ou limpava a vala caminho que dá acesso da beira do rio ao porto do posto. Muitas vezes o indígena tinha que ajudar o vaqueiro a tratar-se do animal que morreu, a carne era salgada e entregavam ao chefe que mais tarde era transportada para Demuntim – vila que servia de base para o SPI. O Djalmo em frente ao SPI conseguiu dominar totalmente a população de kumarumã, vendeu tudo os gados para adquirir em nome da comunidade uma embarcação cujo o nome era Santa Maria. Porém ele registrou o barco no nome dele, assim conseguiu empossar da embarcação para se beneficiar. Além disso eles abusavam de algumas mulheres indígenas, casavam e engravidavam as moças e depois largavam.

---

<sup>5</sup> Depoimento recolhido por Nordevaldo dos Santos há cerca de dez anos, na aldeia Kumarumã, para fins acadêmicos.

Quando era tempo das eleições para prefeito, os indígenas por obrigação tinham que votar, nesse tempo a urna estava no encruzo e todos tinham que ir até lá. O Djalmo organizava os eleitores e dividiam em dois grupos, os homens ficavam na responsabilidade do senhor Tximô para transportá-los até encruzo, eles tinham que viajar um dia antes. Enquanto o chefe ficava encarregado de levar as mulheres e viajavam por dois dias, acampavam à margem do rio para dormir; no entanto, ele se apossava de algumas mulheres, de preferência as solteiras. No retorno essa prática repetia. Assim aconteciam com o povo no tempo passado, afinal, quando tudo acabou a FUNAI substituiu o SPI e as coisas foram modificando, o tempo foi passando e a comunidade cada vez mais foi se estruturando se organizou em frente as dificuldades que virão. A comunidade se reuniu junto a Funai e solicitou um meio de transporte para escoamento de seus produtos pra vender no mercado de Saint George e Oiapoque. O superintendente atendeu o pedido fez o projeto e compraram o barco. Esse barco foi comprado na vila do Taberebá em Cassiporé, cujo o nome era Santa Maria o mesmo barco que era do senhor Djalmo.

Até a década de 1980, quando o CIMI já atuava na região Uaçá, as famílias que moravam no alto Uaçá não conseguiram abandonar tão cedo os locais de trabalho. Muitas vezes algumas famílias levavam consigo seus filhos que estudavam, porque muitos eram crianças de sete a oito anos, eles não tinham coragem de deixar seus filhos por um tempo de três a quatro meses, e também não tinham com quem deixar seus filhos, já que as crianças não se acostumavam a conviver com outras pessoas que não fossem parentes próximos. Para eles, isso era impossível, mas de qualquer maneira eles teriam que levá-los e só retornavam para aldeias no período de festas de santas padroeiras. Depois de muita exigência do cacique, essas famílias aos poucos foram deixando seus retiros para fazerem roças ao redor da aldeia.

### 1.3 SAÚDE TRADICIONAL GALIBI MARWORNO

Muito antes do grande contato com o homem branco, as sociedades indígenas, de acordo com sua natureza, já tinham uma grande gama de conhecimentos em relação à cura tradicional através do conhecimento empírico.

Para os Galibis-Marworno, muitos anos atrás o único médico era o pajé, era ele quem detectava as doenças através de uma sessão de cura, quando efetuava uma cantarola e, nesta ocasião, convocava o “pessoal” do lapwsië (espírito das estrelas), que eram médicos cirurgiões, faziam o diagnóstico aos pacientes, prescreviam as receitas e auxiliavam os pajés no tratamento do paciente. A cura era precedida pela cantarola quando o pajé organizava uma sessão para chamar os espíritos. Quando chegavam os invisíveis (os espíritos), o pajé chamava os pacientes, um de cada vez, para serem atendidos como se fosse um atendimento médico no hospital. Assim, para entrar na “tokay”, nesse momento, o pajé

defumava os pacientes com tabaco de tawari (casca de árvore), que serve como abade<sup>6</sup> e, concomitantemente, passa o chocalho no local defumado e doloroso ou adormecido do paciente. Tal ação serve como raio X para detectar a doença. A partir de então, o invisível passa a receita ao pajé, que repassa à família do doente, que, por sua vez, vai providenciar uma diversidade de matéria-prima, de acordo com a necessidade, ou segue a recomendação do pajé, o qual pode, ele mesmo, preparar o remédio para medicar o paciente. Outro procedimento de cura se faz por meio de assopro, onde se prepara um banho de ervas ou um chá associado ao sopro acompanhado de cantos tradicionais.

O paciente, quando inicia o tratamento, segue umas regras bem definidas pelo pajé. Fica internado na casa dele, e só vai receber alta quando sentir uma melhora. Mulheres menstruadas não podem se aproximar do paciente; caso contrário, o remédio pode não fazer efeito. Também não se pode consumir peixe durante o tratamento. Os invisíveis não gostam do mal cheiro do peixe; assim, as refeições podem ser de carne de caça e de aves, menos as que sejam consideradas remosas. Essas recomendações são procedimento exigido pelo pajé durante o tratamento e assim alcançar um bom resultado no tratamento. Em geral, existem regras em qualquer lugar que envolva o contato com invisíveis.

Outros personagens que, no entanto, até hoje executam papel fundamental na saúde, são as parteiras. As parteiras indígenas Galibi-Marworno acompanham a gestação, principalmente, de menina grávida do primeiro filho. É a parteira que faz o pré-natal e, durante o acompanhamento, ela orienta a grávida a não comer animais como reptéis, aves e peixes de grande porte – porque o feto pode aumentar desmedidamente de tamanho e, assim, dificultar o parto.

Essas orientações não vêm somente da parteira, mas da preocupação da mãe da grávida, que orienta sua filha a não consumir carne de animais que se locomovam vagorosamente, como o jabuti, porque a criança pode demorar a nascer. A mãe da grávida orienta também a não comer certas frutas, como cupuaçu e melancia, pois a criança pode nascer com a cabeça grande. Outra recomendação é que, quando a mulher grávida sentir desejo de tomar açaí ou comer fígado de animais, ela deve ficar atenta para não pegar no próprio corpo, principalmente na face, pois o bebê pode nascer com mancha na pele (“pano preto”) justamente na parte onde a mãe teria tocado enquanto consumia aqueles alimentos.

---

<sup>6</sup> Designação para cigarro de palha, tabaco, tauarí (tawari, tavarí), fumo de corda, coringa, barurí, maratá, cigarro de **abade**, casca de árvore, arapiraca ou charuto.

Na cultura Galibi-Marworno, as mães preparam banho de folha de taranã (uma planta muito comum na região) para banhar a mulher grávida. A folha dessa planta dissolve uma gosma na água e esse derivado é passado na barriga da mulher durante o banho, para a criança deslizar facilmente durante o parto. Outra substância utilizada para passar na barriga da mulher é a gosma de arraia, que ajuda a criança a nascer com facilidade (ANEXO C). Neste caso, tem que ter cuidado para não passar muito; a substância não deve ser utilizada no último mês de gravidez, pois a mulher pode sofrer aborto.

Existe um tipo de arraia, que formado da sujeira da árvore, conhecido pelos Galibi Marworno por “ahe dābwá’ (arraia da mata). Este elemento também é utilizado para passar na barriga da mulher grávida. A aplicação é feita pela mãe da paciente, que toma nas mãos a referida arraia e a coloca entre o peito e é vertida na grávida, soltando para escorregar na barriga até cair entre as pernas. Repete-se esse procedimento três vezes pela manhã nos nove meses de gravidez.

Outra atração é quando a mãe procura alguém que conhece o “pota” (sopro baforado/cântico tradicional), que anuncia o nome de mucura para benzer o alimento ou a água que ela vai ingerindo. O cântico do rato serve para diminuir o tamanho do feto no ventre da mãe; já o cântico da mucura é para a mãe dar à luz o bebê com facilidade. Isso se dá porque a mucura, quando vai dar à luz os filhotinhos, não sente dor. A finalidade de utilizar esses procedimentos é ajudar a facilitar o parto de uma mulher grávida.

Depois do nascimento da criança, segue-se outra etapa. O jejum da quarentena, em que a mãe não pode consumir comida gordurosa, não pode tomar vinho de bacaba e outras interdições, de acordo com a recomendação da mãe – tudo isso para não causar desintéria no recém-nascido; ou seja, para não comprometer o intestino do bebê. Além disso, para crescer sadio, alguém tem de benzer com reza e cântico tradicional, assoprando a criança para crescer com saúde.

O pai também contribui com a saúde e o desenvolvimento da criança. Ele fica proibido de derrubar árvores e palmeiras, torcer cipó, tecer jamaxi<sup>7</sup>, carregar peso e fazer qualquer outra atividade que venha prejudicar a criança. Essas prevenções são pra evitar dor no corpo da criança.

Outra informação que chama atenção é o “cuidar da menina moça.” Quando a menina chega à adolescência e entra no seu primeiro ciclo menstrual, ela passa a ter um

---

<sup>7</sup> Da folha do açazeiro se faz jamaxi e outros artesanatos e serve para alguns animais construírem suas casas, como o japim (VÁRIOS AUTORES, 2015, p. 22).

cuidado especial da sua genitora. Para isso, existe uma regra muito delicada: a moça fica de resguardo durante o período de uma semana, deitada de peito para cima na cama na posição reta. Esse procedimento é para manter reta a coluna e para que os ossos dos membros inferiores e superiores não estejam tortos. Dizem que nesse período os ossos da moça estão flexíveis. A mãe esconde a moça dentro de um mosquitoireiro, para que esta não fique ao ar livre e não corra o risco de ter contato com espírito de macaco. Nesse caso, somente a mãe pode ter contato com ela para assear a filha. Durante o resguardo, a moça não pode consumir alimento com sal, pois isso serve para proteger os seus dentes e para, quando se casar, não gerar muitos filhos. A mãe impede a filha moça de praticar qualquer coisa que possa prejudicar o desenvolvimento da filha em outras fases da vida, como na maternidade. Depois que termina o período menstrual, a mãe tece um chicote de fibra de curauá (um tipo de planta parecida com o abacaxizeiro) para chicotear a moça nas suas pernas sete vezes de manhã cedo antes de ir tomar banho. Isso é para a moça ficar esperta em quaisquer atividades femininas. Depois segue-se uma outra etapa. A mãe indica à filha a praticar certos cuidados como fazer massagem no seu peito com caroço de tucumã e com ninho de beija-flor de manhã e ao pôr do sol. Esse procedimento é para que o peito da moça não cresça em tamanho anormal. A moça ainda toma água sete vezes durante a fase da lua nova, no “duruduru guarib” (osso hióide da guariba fêmea), que serve como um recipiente apropriado para essa finalidade. Tal procedimento é para a moça curar sua garganta e possuir uma voz suave na execução de canções de ninar e de Turé.

Essas atividades cerimoniais eram executadas com frequência pelos Galibi-Marworno. Atualmente, com a transformação da cultura, as novas gerações não desenvolvem essas atividades sagradas, por não mais primar pelos conhecimentos tradicionais. Por essa razão, tais práticas vêm perdendo espaço em minha comunidade. Hoje em dia, a nova geração não possui esses saberes tradicionais e não a valorizam.

Na década de 1970, o CIMI (Conselho Indigenista Missionário) – na pessoa do padre italiano Nello e da irmã norte-americana Rebeca Spires, ambos com nacionalidade brasileira – além de evangelizar, também ajudou na saúde da comunidade. No início da sua atuação, o CIMI contribuiu com uma remessa de purgante para combater verminoses; logo após, distribuiu sandálias e outros tipos de calçados e brinquedos. Na época, eu tinha 10 anos de idade e recebi um sapato; foi primeiro calçado que usei no pé, e fiquei muito feliz. O CIMI também trazia doutores para extrair dentes, distribuía creme dental e escova para a higiene bucal da comunidade.

O representante do CIMI, o Pe. Nello Ruffaldi, em uma reunião com as lideranças, conseguiu conquistar quatro indígenas para trabalhar como voluntários com a comunidade, os quais foram: Manoel Miranda, Manoel Firmino, João Clarindo e Lucival Roberto dos Santos. Todos eles eram casados e tinham filhos, e recebiam uma pequena quantia em espécie. Todos queriam desistir, porém eles foram aconselhados a não sair, pois em breve seriam contratados. Alguns deles, no caso de João Clarindo e Manoel Firmino, resolveram desistir e foram para Caiena como trabalhadores braçais. Quando a FUNAI tomou conta da saúde indígena, os de nossa comunidade, que ficaram atuando no ramo da saúde, logo foram contratados e, mais tarde, passaram a ser do quadro federal de servidores.

Quanto à cooperativa, foi escolhido para ser gerente o senhor Manoel Ribeiro. A cooperativa tinha como objetivo fornecer mantimentos de qualidade e em abundância para o povo, no intuito de também evitar a ida constante do povo indígena para a cidade, o que aumentaria a chance de os indígenas nessa condição consumirem bebidas alcoólicas.

Segundo o depoimento de Domingos Santa Rosa, os “representantes do CIMI trabalharam aqui deste os anos 70, catequizando os indígenas, organizando as igrejas, fortalecendo as festas religiosas dos santos Padroeiros e trabalhando na parte da saúde e educação” (SANTOS; LEWKOWICZ, 2020, p. 98).

Além do mais, o CIMI incentivou o povo a construir duas casinhas, sendo uma o posto e a outra a cooperativa, onde eram comercializados mantimentos com um preço inferior ao praticado em Oiapoque e Cassiporé. O Serviço de Proteção ao Índio (SPI) atuou na região muito antes do CIMI, que mais tarde seria substituído pela FUNAI. Era a referida instituição que dava assistência à saúde, educação, transporte e infraestrutura para os povos daquela área. Após isso, o povo indígena era tutelado pela FUNAI.

Com o passar dos anos, a FUNASA (Fundação Nacional da Saúde) ficou responsável pela assistência à saúde do povo indígena. Hoje há um quadro de funcionários indígenas que atua no atendimento da saúde indígena, desde AIS (Agentes Indígenas de Saúde), AISAN (Agentes Indígenas de Saneamento), AGENTE DE ENDEMIAS, TÉCNICO DE ENFERMAGEM E ODONTOLOGIA. A casa de apoio a CASAI (Casas de Apoio à Saúde Indígena) é administrada por um indígena, e hoje muitos jovens estão nas universidades em vários cursos referentes à saúde, principalmente em Técnicos de Enfermagem.

#### 1.4 CONSTRUÇÃO DAS NOVAS ALDEIAS

Passada uma década e meia, algumas famílias desistiram definitivamente de construir roças nos locais onde eram seus retiros, localizados no rio acima. Aquelas moradias ficaram abandonadas por um longo período, sendo que só trafegavam por lá algumas pessoas que precisavam caçar e retirar matéria-prima para a construção de artefatos e para a preparação de remédios caseiros.

Segundo Paulo Enrique, indígena Galibi-Marworno, um dos integrantes daquelas famílias que moravam no alto rio Uaçá,

os antigos acostumavam se organizar anualmente no período de setembro e outubro para realizarem grandes piquenique que será realizada no baixo e no alto Rio Uaçá no tempo em que tracajá e camaleão se desovam e as aves fiquem desasado tempo de muita fartura. O passeio leva um tempo de seis a oito dias, tempo suficiente para as famílias se contentarem. Quando o passeio era destinado ao rio abaixo, as famílias aproveitavam o tempo para tecer esteiras de junco amarrada com corda de envira (árvore aquática) além de pescar e caçar aves e ovos de tracajá. Quando o passeio é realizado ao rio acima, era também para pescar peixe, tracajá, caçar ovos e animais, além de tirar cipó para tecer peneira, (cesto cargueiro) tiravam também madeira para construção de canoa, casas e outros de acordo com sua necessidade. Os passeios ocorriam principalmente no verão, porque nesse período é tempo em que as roças já estão derrubadas e estão secando. Assim era a convivência do povo Galibi-Marworno no passado. Depois que a escola foi implantada na região ocupou espaço de muitas atividades culturais. Longo período, só trafegavam por lá algumas pessoas que precisavam caçar e retirar matéria prima para utilizar na construção de artefatos e outros para preparações de remédio caseiro.

A partir do final da década de 1990, quando não havia mais nenhuma família construindo roça e nem faziam mais piquenique, no alto rio Uaçá, todos os retiros eram abandonados, a mata era toda fechada. Eu, nesse tempo, já era professor, e me interessei em desenhar o mapa do rio Uaçá, iniciando a partir do encruzo até chegar à aldeia Tukai, descrevendo a paisagem da margem do rio, pontuando todos os igarapés, as ilhas, as montanhas, as pontas de terra firme, as paradas de caçadores e pescadores – locais onde eram construídos os sítios e as roças, além de inúmeras curvas do rio e de cachoeiras. Para eu realizar este trabalho, precisei organizar um passeio com a minha família no alto rio Uaçá, no período de setembro, para copiar e conhecer melhor a imagem do rio. A viagem foi boa; todo mundo gostou – foi muito divertido e essa prática virou rotina, pois todo ano tínhamos que organizar um passeio rio acima. Em 2010, resolvi abrir uma roça e logo construir uma barraca no local conhecido como Mateu, onde era o retiro do seu Jacinto e sua família. Já faleceram antes de eu empossar do local, tive que consultar os filhos e todos alegaram que não vão mais voltar a ocupar aquele local devido à distância e ao tempo de um a dois dias para chegar de canoa movida à força do homem. A partir de então, eu comecei a reabrir o retiro e convidei os meus cunhados e cunhadas para abriremos roças e trabalhar juntos. Foi

o que aconteceu, e também comecei a incentivar outras famílias para se instalarem nos sítios abandonados e, aos poucos, fomos reabrindo roças nos locais onde seus pais e avós moravam. Mais tarde, construíram casas e alguns foram até à aldeia.

No ano de 2016, as pessoas começaram a abrir novas aldeias com o intuito de ocupar o território e multiplicar o número de lideranças para juntos lutarmos e defendermos os nossos direitos, e também para abrir novas oportunidades para os jovens que estão se formando em diversas áreas para atender às demandas da população. De acordo com a organização do povo, é costume realizar assembleias de avaliação anualmente para discutir assuntos de seus interesses e buscar alternativas para alguns problemas. Numa dessas assembleias, foram registrados sete nomes de aldeias: Karibwen, Maji, Kaxiwahi, Paraikô Tukuywyn, Flamã e Parmwaka. E logo depois apresentaram-se os nomes dos caciques, cada um correspondente a um local: Adailson Narciso, Orivaldo dos Santos, Mário Charles, Guísel Figueiredo Narciso, José Ioiô, Alailton dos Santos e Nazário dos Santos. Mais tarde, abriram uma outra aldeia, chamada Manaú, do Cacique José Forte.

Segundo o depoimento da professora Eclêmilda Maciel Silva – indígena Galibi-Marworno, mãe de dois filhos com uma idade de 50 anos, ocupando atualmente o cargo de Secretária Extraordinária dos Povos Indígenas de Oiapoque, Amapari e Norte do Pará SEPI, – numa assembleia realizada na aldeia Galibi, rio Oiapoque, as lideranças Galibi-Marworno informaram que estavam sendo criadas novas aldeias ao longo do rio Uaçá. As aldeias foram criadas porque os Galibi-Marworno se sentiram com menor número de lideranças e, como consequência disso, em desvantagem nas votações para o cargo de diretoria de caciques tipo de associações e conselhos, como o CCPIO (Conselho de cacique dos povos indígenas do Oiapoque) e outros. Então iniciou-se um olhar de preocupação sobre a perda de espaço. Em segundo lugar, houve também a preocupação com o espaço de território. E assim, hoje, temos as aldeias que estão se estabelecendo.

Atualmente, está funcionando escola em três aldeias maiores as quais são: Manaú, Flamã e Paramuaká. Entre essas aldeias, a primeira escola anexa à Escola Indígena Camilo Narciso funcionou na aldeia Flamã, em 2016, por ter maior número de alunos. Solange Forte e Dinelza Miranda Nunes foram as primeiras professoras que trabalhavam naquela aldeia. Nos anos seguintes, foi o professor Tancredo Miranda; em seguida, o professor Mailson Campos e Jovenô Henrique. Atualmente, Fabrício dos Santos é quem trabalha naquela aldeia. Em 2017, o vereador indígena Luís Campo, com sua articulação, organizou um grupo de pessoas para trabalhar na construção de uma pequena escola na aldeia Manaú – eu, inclusive, contribuí com essa missão. Naquela aldeia, as aulas funcionaram em março desse

mesmo ano e as aulas iniciaram com o professor Cléo Alexandre dos Santos. Em seguida, trabalhou professor Solei Botã; atualmente, atua o professor Zequias Loriano Forte, filho do cacique José Forte.

Na aldeia Paramwaká, as aulas funcionaram, em 2018, com o professor indígena Francinei Narciso Correio. Atualmente, quem trabalha é o professor Gerson Miranda. Em 2019, funcionou o módulo de 5ª a 8ª série, que também atendia os alunos Flamã. O primeiro professor modular que trabalhou foi Carlão de Macapá; em seguida, foi o professor Lúcio Barbosa, também de Macapá, que entrou para trabalhar com a disciplina Geografia.

Em 2017, o Diretor Naldo e o secretário Magno, com os professores Oracílio, Oscar e Nordevaldo, juntamente com o técnico da saúde Henio e AIS Muci, mais os antropólogos Antonela Tassinari e Laércio, juntamente com o vereador Luís, foram fazer uma visita com o objetivo de fazer levantamento das demandas das aldeias em relação à educação, à saúde, ao meio de transporte, à energia e às construções das escolas. Os antropólogos iam fazer suas pesquisas, viajando junto com os professores e os técnicos. Essa visita serviu para preparar as demandas para a assembleia de avaliação dos povos indígenas de Oiapoque, que iria acontecer na aldeia Kumenê dos Palikur.

## 1.5 RELIGIÃO

Muito antes do contato com o não indígena, o povo Galibi-Marworno seguia uma religião não institucionalizada. Além de acreditar que existia um Deus que criou todas as coisas, os indígenas também acreditavam em várias entidades sobrenaturais. Eles diziam que tais entidades eram donas das águas, das montanhas, dos lagos, dos igarapés e que esses seres auxiliavam o pajé em momentos de sessão de cura. O xamã, quando realiza um ritual de cura, convoca esses seres que se dizem médicos cirurgiões para diagnosticar um paciente e depois medicá-lo. Eles recebiam em troca muita bebida caxiri (vinho extraído de massa de mandioca) durante a festa do Turé, uma tradição cultural muito antiga.

Segundo Lux Vidal (2009, p. 137),

A religião católica, que os Galibi-Marworno dizem seguir, se faz presente através dos ritos ligados ao ciclo de vida: batismo, casamento e funeral. Os dois primeiros são celebrados pelo padre quando visita a aldeia. Os ritos funerários são mais tradicionais. O morto é velado em casa, a noite toda, acompanhado por cantos em patuá e bastante animação sendo que as pessoas bebem, jogam e conversam alegremente. É uma ocasião em que mitos e eventos antigos são relembrados, captando a atenção de todos. Nos funerais a participação das crianças é fundamental, pois dizem que são eles que alegam o ambiente e há um repertório de

canções infantis própria para essas ocasiões. O calendário de festas inclui a festa de Santa Maria que começa no dia 05 de agosto e acaba no dia 17. Ela é precedida pela Xahitê, quando uma procissão com músicas e comandada pelo Met Xahitê visitam todas as casas da aldeia para recolher uma contribuição em dinheiro para a festa. Depois é levado o mastro, carregado de frutas, em frente à igreja. Realizam-se ladainhas de noite e procissões com a virgem de tarde. Um número elevado de festeiros, podem chegar a vinte pessoas, fazem promessas, no ano anterior, de se dedicar à realização da festa.

O Turé é também uma cerimônia tradicional dos Galibi-Marworno. Ela é realizada somente quando os caruanas (seres da natureza) fazem um pedido ao pajé em troca da cura que eles propiciaram durante a cerimônia. O pajé, por sua vez, convoca as pessoas pelas quais fez a sessão de cura para organizar e preparar a bebida. Então, os mastros e os bancos de madeira em forma de animais são marcados e pintados coletivamente por todas as pessoas, acompanhadas por cânticos e bebida caxiri, feita pelas mulheres e servida a todos.

Hoje na aldeia Kumarumã há cinco igrejas, a Católica, a Primeira Igreja Evangélica Indígena de Kumarumã a Assembleia de Deus, Igreja Indígena Assembleia de Deus Barco de Jesus, Igreja Indígena Pentecostal e Igreja Monte Sinai. A primeira igreja evangélica foi implantada na grande aldeia Kumarumã em 2000, por intermédio do pastor Carlos e sua esposa Deisimere com a irmã Chalom, que veio para trabalhar. Eles passaram aproximadamente cinco anos trabalhando como professores – período em que entraram mais duas irmãs: a irmã Célia, que estava como secretária da Escola Indígena Estadual Camilo Narciso e a irmã Adriana, que veio acompanhar a equipe para ajudar na evangelização. O pastor celebrava o culto juntamente com as irmãs. Eles evangelizavam, visitavam as casas e levavam a palavra de Deus. A irmã Adriana, voluntariamente, ministrava alguns cursos básicos referentes à palavra de Deus. O objetivo do curso era instruir o povo na palavra de Deus, para mais tarde os converter à religião.

Segundo o depoimento do apóstolo Carlos<sup>8</sup>,

A religião está há muito tempo com os católicos... O evangelho, muitos fizeram um trabalho de evangelista esporadicamente... nós missionários entramos na aldeia em 1998 no 2000 nasceu a igreja evangélica indígena, estabelecendo o reino de Deus em Kumarumã.

O professor Carlos, com seus projetos, adquiriu uma embarcação em nome de todos os povos do Oiapoque para ajudar a transportar a equipe médica no intuito de fazer vários atendimentos à saúde dos povos indígenas da região, com um projeto intitulado “Asa de

---

<sup>8</sup> Depoimento concedido a Nordevaldo dos Santos em dezembro de 2019.

Socorro”. A partir de então, ele começou a evangelizar e a equipe médica e à noite reunia com a comunidade no centro comunitário para celebrar o culto e trazer a palavra de Deus. Logo ele conseguiu construir uma pequena igreja, denominada *Phomiê Legliz Eväjelik dji Kumahumã*, nome em Kheuól, que significa “Primeira Igreja Evangélica de Kumarumã”. Depois de muita instrução da palavra de Deus, o indígena Ademir foi formado para ser pastor indígena daquela igreja. Muitas pessoas se convertem, atualmente. A igreja já não suporta tantos convertidos e o pastor, juntamente com os obreiros, decidiu construir uma igreja maior, em alvenaria, a maior da aldeia de Kumarumã. Com o passar do tempo, houve um desentendimento entre os irmãos, e alguns saíram e formaram um outro grupo que construiu outra igreja com ajuda de outra congregação, a famosa igreja Assembleia de Deus Shekinah.

Hoje as duas igrejas trabalham em conjunto e todo o ano realizam festas de aniversário da igreja e festa de círculo de oração, além dos cultos, e convidam as igrejas das outras etnias para juntos adorarem a Deus. Muitos indígenas hoje são evangélicos. A igreja católica não funciona muito bem, por falta de organização dos integrantes e pela falta de visita do padre.

Por causa da conversão de muitos indígenas, hoje eles não realizam mais o Turé, pois dizem que são coisas diabólicas. Sobre as crenças tradicionais dos indígenas, os irmãos (indígenas convertidos) também deixaram de praticar. As festas da Santa Padroeira ainda são comemoradas simbolicamente por um grupo minoritário, ou seja, pelos católicos. Porém todos vivem juntos nas mesmas aldeias, trabalhando em mutirão, fazendo a limpeza das aldeias, do rio, no pique de reserva, participando das reuniões, nas assembleias, viajando juntos; enfim, todos são irmãos na comunidade. Hoje, nas três aldeias, no alto do rio Uaçá, existe uma igreja onde se realizam festas e grande vigílias em que todos se encontram para meditar na palavra de Deus e glorificar o nome do senhor Jeová. Além disso, eles fazem intercâmbio com as outras irmãs Karipuna, Palikur e Lakaiê, da Guiana Francesa e dos não indígenas da cidade de Oiapoque, Macapá e Saint-Georges.

O povo Galibi-Marworno, desde a sua formação, adotou uma única religião, a católica. Hoje a aldeia possui mais de uma religião, com preponderância do culto evangélico por conta de sua grande influência sobre a maioria da população da aldeia de Kumarumã. Assim, a religião evangélica aos poucos vem influenciando a cultura tradicional dos Galibi-Marworno, porém, algumas práticas culturais ainda estão muito fortes no cotidiano do povo, como o plantio de roça que se faz através de grandes mutirões, faz-se apresentação do Turé nas aberturas de assembleias, nos eventos culturais da escola e em outros momentos. Há ainda a permanência da cura de certas enfermidades, que é feita com ervas medicinais, folhas,

raízes, cascas de árvores, cipós, limão, mel e outros recursos naturais. As histórias ainda são contadas pelos mais idosos e recontadas pelos jovens em várias ocasiões, principalmente na escola, quando o professor recomenda um trabalho de pesquisa sobre as histórias do povo Galibi-Marworno, tais como *Istwa Tutxi Ke Txig*, a história do jabuti com a onça, que menciona a esperteza diante do poder. Isso significa que, em uma batalha entre os dois animais, o jabuti consegue manipular totalmente a onça e ela não consegue devorá-lo. Por isso a marca do jabuti é colocada em vários objetos culturais, simbolizando a inteligência. Em outras histórias, como a da “cobra grande”, há a representação da briga dos pajés, principalmente no que diz respeito ao cuidado e ao manejo do ambiente em que se vive, que pode envolver a mata, a roça, o rio e outras formas de um mundo que, para a maioria dos povos indígenas, é habitado por seres visíveis e invisíveis, com formas humanas e não humanas. O homem branco não-indígena nem sempre percebe essa prática. Quando se fala de cuidado e respeito, estamos valorizando a cultura e o conhecimento tradicional do nosso povo. Segundo o depoimento do senhor Augusto,

ao chegar no lago tem que tomar cuidado e ter bastante respeito: não fazer muito barulho, não pular no lago, não jogar sangue de macaco, etc. pois tudo isso pode chamar a atenção dos donos do lago e causar uma grande tempestade. Outro cuidado é não dormir dentro do lago, mas sim no campo (Savana). E nunca devemos ir sozinhos ao lago, é preciso sempre levar um ou mais acompanhantes (*apud* SANTOS, D.F.; N.; SANTOS, 2017, p. 29).

## 1.6 MEIO DE TRANSPORTE

Muitos anos atrás o povo Galibi-Marworno era grande produtor de canoas feitas de madeiras. Eles fabricaram quatro tipos de canoas de grande, médio e pequeno porte, que serviam como meio de transporte para pescar, transportar carga e pessoas; as canoas eram feitas de madeira de lei. A produção de canoas é uma atividade exclusivamente masculina. Segundo Lux Vidal (2009, p. 151), “algumas etapas de trabalho são realizadas através do sistema de mutirões fica por conta do chefe da família ou do dono da canoa. Neste momento que os mais velhos e experientes transmitem as técnicas de produção aos mais novos”. A retirada das canoas é feita durante o inverno, quando chove muito e as águas invadem os campos e os igarapés.

As canoas maiores serviam de meio de transporte para a realização das grandes viagens familiares que o povo fazia da aldeia para o Oiapoque e o Cassiporé. A embarcação

era coberta com uma grande japá ou panakahe – um tipo de lona tradicional feita de folha de açazeiro e folha de sororoca – e era posta por cima de uma estrutura de cipó que servia de toldo para proteger do sol e da chuva durante as grandes viagens que demoravam dias antes de se chegar ao destino. As viagens eram muito divertidas, o povo pescava peixe e caçava aves, tracajás e jacarés durante a viagem. Quando um mariscador saía para mariscar, além de trazer peixe e tracajá para a família, também trazia, para os seus filhos, uma diversidade de ovos de passarinho. Dentro da canoa, os indígenas traziam todos os seus pertences; o fogão era de latão de querosene e ficava na proa da canoa, as armas eram colocadas e amarradas em cima do toldo, o jacaré e o tracajá que eles pescavam eram amarrados e colocados no porão da canoa. Enquanto as canoas pequenas eram utilizadas na pescaria, cada família tinha uma canoa pequena para pescar e uma canoa média para ir à roça. As outras canoas tipo ubá e dê-bég – canoa de estilo saramacá<sup>9</sup> – eram fabricadas para serem vendidas. Também se vendia farinha, tapioca, goma, tucupi, remo, frutas, tábuas, peixe salgado e artesanato.

## 1.7 ARTESANATO

Todo o povo indígena, de modo geral, é produtor de artesanatos para uso nas suas necessidades do dia a dia, como na caçada, na pesca, na fabricação dos alimentos, na dormida, na pescaria etc. A produção desses artefatos é feita de acordo com a necessidade de sobrevivência de cada povo. Portanto, cada peça identifica esses povos nas suas particularidades. Assim, cada etnia produz a sua arte e os seus enfeites, diferenciando-se de outros povos.

Para os Galibi-Marworno, por exemplo, a técnica de fabricar bancos segue as mesmas regras e atende à única função de uso, servindo para sentar, mas diferencia-se na forma de esculpir, de utilizar alguns grafismos, de modo que cada banco configura uma marca de identificação de *habitat* ao qual pertence a forma esculpida. Os homens Galibi-Marworno antigamente fabricavam bancos pequenos em forma de aves como bacurau, gazela, gaivota, pato e outros. Esses assentos serviam mais para as mulheres sentarem ao lado do fogão a lenha para cozinhar e assar alimentos, e para sentar durante o dia a dia.

---

<sup>9</sup> Saramacás é um dos subgrupos étnicos presentes no Suriname e na Guiana Francesa que compõe o grupo "bushinengué" (que em créole guyanais significa "negros do mato"). São antigos povos escravizados, de África, para servirem nas fazendas do Suriname e que conseguiram fugir para as florestas do interior.

Outros objetos, como chapéu de pena que se usa na dança do Turé, prefigura o jeito de confeccionar próprio dos Galibi-Marworno, os quais também fabricavam arco e flecha e utensílios lúdicos infantis, como brinquedos trançados e dobraduras de forma variada, representando aves, louva-a-deus, ninho de beija-flor, relógio, estrela d'alva, camarão e outros. Todos são confeccionados de folha nova de palmeira (najá e açáí), que servem de brinquedo para atrair as crianças. Hoje, com a influência do mundo globalizado, as crianças já não utilizam mais esses brinquedos. Os povos indígenas passaram a adotar objetos da cultura industrializada, e com isso alguns objetos tradicionais foram substituídos.

Os indígenas passaram a adotar objetos industrializados, tornando-os essenciais no seu dia a dia, como. por exemplo, com a chegada da cama para dormir, os indígenas, que antes utilizavam as esteiras passaram a não usar mais esse item, e com isso não fabricaram mais esse objeto, que hoje deixou de ser uma atividade do povo. A mesma coisa aconteceu com as armas e outros objetos. Segundo as informações dos Galibi-Marworno da aldeia Kumarumã, certos objetos não são mais fabricados pelo fato de não serem mais utilizados no cotidiano.

Muitos artefatos eram muito utilizados em várias ocasiões, como no trabalho, nas festas, na pescaria, em grandes mutirões. A presença desses artefatos era bastante apreciada pelo povo. Hoje, na aldeia Kumarumã, tudo está modificado; até as casas estão sendo construídas em alvenaria. Muitas famílias já estão adquirindo motores de popa e voadeiras que vêm substituindo as grandes canoas movidas a remo. Segundo os depoimentos dos moradores da aldeia, esses objetos industrializados facilitam mais o trabalho e a vida no cotidiano; com isso vão desaparecendo aqueles que não são mais fabricados, devido ao desuso. Os jovens, influenciados pela cultura não indígena, já não se interessam mais em conhecer as práticas culturais tradicionais de seu povo. Em consequência disso, eles não querem mais dançar o Turé, que faz uso de vários objetos artesanais.

## CAPÍTULO 2 - NARRATIVAS GALIBI-MARWORNO

Neste capítulo, vou fazer o registro e a análise de algumas narrativas orais de meu povo. Sabemos que não existe um único tipo de narrativa oral. No capítulo anterior, para contar a história da formação do povo Galibi-Marworno, tomei como referência os relatos dos mais velhos que Neves (2018) classificou como narrativas de contato, com a temporalidade ocidental e relacionada ao contato com os não indígenas. Agora, nesse capítulo, vou tratar das histórias que essa autora classifica como narrativas cosmológicas, com a temporalidade da cosmologia Galibi-Marworno, um tempo em que os animais falavam.

Há aquelas histórias que se fixam em nossa memória de tal forma que nos obrigam a recontá-las. Às vezes, ao recontar uma história, o narrador altera um pouco os fatos ou o modo de contar; isto acontece em alguns casos para impressionar o ouvinte. Quando isso acontece, o narrador não está apenas repetindo o que a pessoa presenciou ou ouviu, mas está recriando a própria narrativa com um pouco de imaginação, trazendo um pouco de ficção ao relato.

Todas as histórias nos levam a um lugar mágico e nos fazem sonhar. No entanto, quando se trata de animais, é importante documentar as narrativas orais do nosso povo, extraídas diretamente das memórias dos velhos sábios detentores do conhecimento do tempo em que os animais eram gente e falavam uma língua que todos entendiam. É maravilhoso poder conhecer esses contos através de quem os viveu e foi repassando essas experiências de geração em geração. Desse modo, a cultura está sendo difundida e garantindo a permanência e a valorização de uma tradição.

Sabemos que uma história é muito pouco para representar um povo, mas uma conjunto dessas narrativas pode nos dá uma compreensão melhor da sua cosmologia. Esperamos que esta seja vista como um recorte de uma pequena parte da vida das pessoas ou das paisagens. Este trabalho surgiu do estudo feito sobre uma das narrativas Galibi-Marworno, denominada "Ixtwá Teweî". Ele tem como objetivo analisar as partes da referida narrativa e o relacionamento dos personagens dentro da história. Isso vem mostrando à sociedade que, quando contamos uma história, estamos reproduzindo a fala de outros por meio da nossa voz. Ao contar uma história oralmente, todo narrador se preocupa não somente em apresentar uma situação, mas em que sua história fique gravada na mente de seu ouvinte, para que ele seja capaz de recontá-la.

A análise, nesse sentido, contribui para uma reflexão sobre narrativas, por exemplo: quando falamos, conseguimos, naturalmente, a expressão adequada da nossa

sensibilidade. Contudo, quando vamos manifestar as nossas próprias ideias ou sentimentos por escrito, nem sempre conseguimos imprimir na escrita a expressividade dramática da nossa voz: “À análise do discurso da narrativa percebemos a importância da relação entre o leitor na construção do discurso. Daí a busca constante da figura do narrador, o eu falante cuja voz se orienta para nós, leitores” (MACHADO, 1994, p. 78).

O estudo desta narrativa contribui bastante para a valorização da memória e agrega outros elementos importantes, como a consciência da linguagem para a produção escrita de histórias, com textos em prosa e outros gêneros.

## **2.1. A NARRATIVA IXTWA TEWEIÔ DO POVO GALIBI-MARWORNO**

Desde a infância, venho ouvindo esta narrativa, contada pela minha querida genitora em várias circunstâncias. Houve outras oportunidades de ouvi-la por meio de outras pessoas, porém com pequenos detalhes diferentes. Ao encantar-me pela voz dos anciãos Galibi-Marworno, resolvi registrar por escrito esta narrativa patrimonial imaterial deste referido povo com o intuito de manter a memória histórica viva.

### **IXTWA TEWEIÔ**

Contam os antigos, por tradição de seus antepassados, que havia um índio no quintal de sua casa, em noite de lua cheia, sentado em um barco de madeira, em forma de ave. Ele tomou em suas mãos uma flauta de osso e começou a soprar, entoando melodias que encantavam sua namorada. De repente, apareceu um bacurau (ave caprimulgídea), caçoando da sua canção, fazendo um barulho ensurdecedor que abafava sua linda melodia.

O índio aborrecido pegou uma pedra e saiu correndo em seu encalço, chamando nome feio; depois desistiu de perseguir a ave e foi dormir. Mas acontece que o bacurau apavorado correu ao encontro do seu avô, contou-lhe tudo o que havia acontecido; o avô entristecido disse que o levaria para outro lugar.

Na calada da noite, o vovô bacurau, com sua canção, colocou o homem em sono profundo, despreendeu sua rede, amarrou nas suas asas e voou para bem longe do outro lado do rio, amarrando o sujeito nos galhos dos manguezais e o deixou. Assim, quando ele acordasse, não encontraria o caminho de volta. Quando o índio se acordou pela manhã, com o barulho da maresia, espantado, logo suspeitou que o bacurau era o responsável por ter se perdido e bagunçado sua vida. Sem saber como voltar para casa, baixou o rosto e pôs-se a chorar.

Nossos velhos índios contam que, nesta ocasião, todos os pássaros estavam indo participar de uma dança do Turé com várias entidades. O homem, gritando, ficou pedindo ajuda e todos os que passavam tentavam ajudá-lo; mas o esforço era em vão, pois nenhum bote aguentava seu peso. Então pediam para esperar que logo atrás viria um barco e aconselhavam a não obedecer à ordem de ninguém, senão correria o risco de morrer.

Depois de muito esperar, o índio perdido avistou um barco, e começou a assinalar pedindo socorro. Quando o barco encostou, o índio notou que se tratava de um senhor jacaré com seus filhotes; o índio contou tudo o que havia acontecido. O jacaré deixou que o índio embarcasse e saiu seguindo seu destino. No meio da viagem, o animal instigou o homem a lhe insultar de fedorento, costa escamosa, de dente encavalado entre o nariz e rabo de serrote. O índio esperto, mas com medo, pois suspeitava da intenção do jacaré, disse: - Não! Por que acusar um amigo tão bondoso?

Tremendo com medo de ser devorado, o índio desconversou e pensou logo numa saída. Então, ele pediu ao jacaré que passasse beirando as árvores. Assim, na primeira oportunidade que tivesse, ele fugiria do barco. E foi o que aconteceu: pondo-se de pé num salto, o índio agarrou em um galho, empurrou o bicho com o pé para dentro da água e trepou na árvore, alcançou um ponto bem alto e disse: - Agora posso falar tudo me mandou dizer; coisa feia, fedorento, costa escamosa, seu dente encavalado entre o nariz, rabo de serrote comprido. O jacaré, muito nervoso, bateu na árvore com o próprio rabo tentando derrubá-lo, mas não conseguiu e falou:- Você escapou! Se soubesse, eu teria te devorado desde cedo! Falou isso e foi embora.

Passadas algumas horas, o índio desceu da árvore e, caminhando um pouco, encontrou um maguari que mariscava. Então, em uma conversa, contou tudo o que havia acontecido. Enquanto contava o caso, lá vem o senhor jacaré voltando doido para lhe pegar. Então, em ato de desespero, o índio fez um pedido ao amigo Maguari:

- Por favor, me esconda embaixo de suas asas rápido!

Logo o barco do jacaré se aproximou e perguntou:

- Não passou alguém por aqui?

Respondeu o Maguari:

- Não! Aqui não vi ninguém.

Porém o cabelo do homem estava aparecendo embaixo de suas asas. O jacaré, muito curioso, pegou alguns fios de cabelos puxou e disse:- Isso não é o cabelo de alguém?

O maguari saltou rapidamente para trás e, disfarçando, disse: Ai, tá doendo... Isso não é cabelo, são penas das minhas asas!

O jacaré acreditou e foi embora. O homem agradeceu ao maguari por tê-lo ajudado e continuou sua caminhada para dentro da mata. Enquanto caminhava, o índio ouviu um barulho como um rugido de animal. Continuou andando devagar e olhando para todo lado. Foi então que ele avistou três moças conhecidas como Juruti, Rolinha e Gazela, que estavam trabalhando com soquete no pilão, moendo crueira ou massa de mandioca para fazer beu, caminhando em direção às moças, bateu palmas para avisar que estava chegando para visitá-las. Demonstrando tristeza, o índio falou que estava perdido e com fome; pediu algo para comer e foi atendido. As moças deram-lhe beijo e água para beber; em seguida, o homem contou-lhes o que havia acontecido e o quanto ele queria para chegar até ali. Elas, sentindo pena dele, fizeram o convite para juntos assistirem à dança do Turé, e prometeram que nada de mal lhe aconteceria se as acompanhasse. Ele aceitou o convite e foram embora.

Chegando no local da festa, amarraram as suas redes em cima das árvores para não ser visto pelo jacaré e o apresentaram ao pajé para que pudesse dançar. A partir daí, relembram os antigos que, segundo a lenda, todos os animais eram gente e que entendiam tudo o que cada um falava. Nessa ocasião, foram todos convocados por uma entidade espiritual, chamada Ghã papa aimã (grande pai jacaré), no qual o pajé Xiumi era responsável em recebê-la na noite de lua cheia durante a dança do Turé. O pajé também convidou todos os pássaros da fauna e da flora.

No Turé, estavam presentes todos os habitantes da nação lumarê e outras entidades. Por isso, para participar desse cerimonial, é preciso seguir algumas regras como não poder chegar atrasado com material festivo, os participantes não podem consumir peixes, dias antes e durante os rituais, não podem deixar cair seus materiais durante o cerimonial, os participantes e convidados não podem atravessar os bancos e as mulheres que estiverem menstruadas não podem entrar no rio e muito menos participar da dança.

Essas regras são tradicionais desde as nações dos lumaurê. Por isso, existe uma narrativa sobre rapazes que foram punidos por não cumprirem as regras. Conta a história que três rapazes desconhecidos vieram participar da dança. Mas, como eles chegaram à noite e estavam atrasados, foram logo punidos. Os rapazes desconhecidos eram a arara vermelha, o flamingo e o galo da serra. A punição consistia em dançar sozinhos a noite inteira. Eles então foram chamados de Mekoro (em Galibi significa “feio”, “escuro”) porque, ao luar, eles pareciam pretos. Como os rapazes da nação lamaurê eram de grande beleza, todas as meninas queriam dançar só com eles. Por volta das cinco horas da manhã, os Mekoro sentiam muito frio; então foram se aquecer e fazer cigarros ao redor da fogueira. Enquanto fumavam, aproximou-se uma menina que, curiosa, queria verificar de perto como

eram seus trajes. Então, o reflexo do fogo permitiu que a menina enxergasse o quanto eles eram belos. Admirada, ela foi correndo chamar as outras moças para contemplarem a beleza daqueles rapazes. Encantadas, elas passaram a lhes oferecer cigarros, e logo os convidaram para dançar. Mas eles recusaram o convite e pediram que fossem oferecer cigarros para outros rapazes, pois eles estavam se arrumando para ir embora. As meninas apaixonadas continuavam insistindo. Ao amanhecer, quando resplandeceu ainda mais beleza de suas cores, os rapazes decidiram partir e combinaram entre si aonde iriam ficar. A arara falou que iria para a mata alimentar-se dos frutos das árvores; o galo da serra disse que iria também para lá e o flamingo, por sua vez, disse que iria se alimentar dos frutos do mar. Assim terminou a festa e todos foram para seus lugares de origem. Por essa razão, disse uns dos meus informantes, o povo Galibi-Marworno, quando realizam o Turé, e todos os dançarinos usam roupas de cores diferentes. Isso significa que cada um representa um pássaro ou uma entidade sobrenatural.

O homem continuava perdido, e voltou pelo mesmo caminho que havia percorrido. No trajeto, encontrou a cutia e disse:

- Me perdi, preciso de sua ajuda para chegar em casa.

Respondeu a cutia:

- Você não está tão longe de sua casa, amanhã eu o levarei. Então, ela o convidou para dormir em sua casa, mas infelizmente na casa só cabia uma pessoa, e ele dormiu ao relento. Na madrugada, ele ouviu uma voz trovejante que dizia:

- Amanhã comeremos a cabeça e o miolo de alguém, e os outros respondiam alegremente em voz de criança:

- Sim, amanhã comeremos. Durante toda a noite, ficou-se repetindo a mesma frase, e o homem no escuro, tremendo, morria de medo. Ao amanhecer, ele observou que um beija-flor era o causador de noite mal dormida, pois, brincando, queria amedrontá-lo. O índio gostou da brincadeira e tomou em suas mãos dois espinhos e fincou cada um na cabeça dos filhotes do beija-flor, matando-os.

A cutia acordou cedo para levar o homem de volta para casa. Andaram durante duas horas e chegaram à roça. Então a cutia disse: - Aqui estão as suas roças, é aqui que procuro minha comida, fica com deus, e eu volto para minha casa. Os dois se despediram e cada qual seguiu seu rumo. O homem, ao voltar, espalhou a notícia para todos da região e contou todo o acontecido, inclusive como ficou encantado com a festa do Turé.

## 2.1.2 ANÁLISE DO CONTO IXTWA TEWEIÔ: PERSONAGENS

A história se inicia falando dos personagens vivendo uma situação, num tempo e num lugar que indicam um outro universo cultural, não definido pela cosmologia ocidental (NEVES, 2018). Isso significa dizer que, ao se narrar a situação inicial, procura-se contar quem são eles, onde habitam, como eles se relacionam uns com os outros. Geralmente eles vivem com algum tipo de problema, que vai provocar o conflito da narrativa. Em “Ixtwa Teweiô”, a situação inicial apareceu logo resumida nos três parágrafos iniciais, nos quais os anciãos mostram o conflito entre o homem e o bacurau, com a decisão do vovô bacurau responsável em bagunçar com sua vida. Esta situação provoca todos os outros acontecimentos na narrativa.

Percebe-se que o mesmo motivo gerou outro conto, simultaneamente, no qual se refere à “Dança dos Pássaros” ou “Turé dos Pássaros”. O *Iwmawaré* é uma entidade espiritual, pessoa encantada que em forma de garça possui uma beleza de cor indescritível, pertence à nação habitada por pessoas bonitas, conforme relatam os antigos Galibi-Marworno. De acordo com Lux Vidal (2009, p. 26),

O turé é uma dança de agradecimentos aos seres sobrenaturais ou invisíveis pelas curas que eles propiciam por meio das práticas xamânicas dos pajés. É a ocasião em que a comunidade dança, canta, bebe muito caxixi junto com esses seres sobrenaturais que vêm se alegrar na festa e ouvir o pajé cantar durante várias noites sem repetir as canções. O turé pode ser realizado a qualquer momento, mas o verdadeiro é feito durante a lua cheia de outubro.

Todas as narrativas fazem referência ao meio ambiente, ao local onde as personagens habitam. Os indígenas têm um respeito enorme pela natureza e o ambiente em que vivem, podendo envolver a mata, o rio, o lago, os campos firme e alagado, o igarapé, a montanha, o riacho, ou seja, tudo aquilo que faz parte do nicho-ecológico dos seres vivos, porque são formas de um mundo que, para os indígenas, é habitado por seres visíveis ou invisíveis, com formas humanas e não humanas. Os não indígenas nem sempre percebem e respeitam esse domínio.

Observemos o depoimento de Davi Felizberto dos Santos e Nordevaldo dos Santos (2007, p. 14), na obra *O Lago Maruane Conhecimentos Tradicionais Galibi-Marworno*:

Mas esse território é, antes de tudo, um espaço vivido. Nós possuímos um conhecimento refinado desta vasta região, tão rica e diversificada, que se revela nos nossos mitos e narrativas sobre esse lugar. Toda esta paisagem é habitada por seres humanos, animais e vegetais e também por seres do outro mundo, que se manifestam pela intermediação dos pajés. Um mundo predominantemente aquático, cuja cosmologia privilegia os seres sobrenaturais, os invisíveis, que habitam o centro da mata e o fundo das águas.

A ação desta narrativa, na memória Galibi-Marworno, acontece na região de terra firme e de várzea. Portanto, na história, as personagens aparecem como animais que habitam o campo e a mata.

### 2.1.3 ESPAÇO(S) NO CONTO

O conto galibi-marworno “Ixtwá Teiwô” é uma narrativa que relata os episódios vividos por uma família com um grupo de personagens num espaço selvagem. “Wat tã”, palavra que, na língua kheuól, significa “outro mundo” ou “mundo subterrâneo”, mundo aquático e mundo celestial; habitação de seres e entidade espiritual, bem como: vovô bacurau, vovô jacaré, garça, Maguari, arara, galo-da-serra, flamingo, juruti, gazela, e outros animais. Para os Galibi-Marworno, hoje esses bichos são representados em forma de banco esculpido em madeira, como também alguns são representados na decoração das cuias, em chapéus de pena, pulseiras e colares feitos de missanga e sementes, feitos pelos grandes artesãos e artesãs. De acordo com Lux Vidal (2009, p. 26):

Fazem parte do turé os mastros enfeitados, os grandes bancos da cobra grande, do jacaré e do colhereiro, onde se sentam os convidados, no espaço sagrado chamado laku ou piroro. Junto ao mastro, fica o banco do pajé em forma de arara e o seu pacará, cesto onde guarda os seus pertences.

Simbolo na narrativa são pessoas ou personagens que se tornam representativas de determinados comportamentos ou atividades. Exemplo, nesta narrativa, são as aves de hábitos aquáticos que se deslocam sobre as águas e significam gente, conforme o seu tamanho. No conto, a ave nadando significa um bote, de acordo com o seu tamanho (o tamanho da canoa corresponde ao tamanho da ave). Por esse motivo, no quarto parágrafo da história, o conto relata que, quando o homem gritava pedindo socorro e todos os que passavam tentavam ajudá-lo, o esforço era em vão, pois nenhum bote aguentava seu peso.

A garça simboliza pessoas bonitas cuja beleza da cor era indescritível (em língua galibi antiga, “ywmawarê”). Já as três aves: flamingo, arara e galo-da-serra significam a feiúra (em língua galibi antiga “meñkoro”). No luar, a beleza das penas não aparece, então não surge a beleza da ave. Na fé religiosa tradicional galibi-marworno, diz-se que se por ventura um pássaro de grande, médio ou pequeno porte cair morto na sua frente, é sinal de morte, é espírito mortal; alguém da família ou amigo pode falecer. Se aquelas aves que não têm hábito de cantar à noite, de repente soltarem um pio ou um canto de voz alegre ou triste,

é má notícia, pois alguém pode morrer. O beija-flor, por sua vez, se entrar na sua casa, é sinal de boas-novas e alguém pode lhe visitar.

## 2.2. IXTWA TUTXI KE TXIG (A HISTÓRIA DO JABUTI E A ONÇA)

A onça é um animal carnívoro de grande porte, muito violento e veloz. O jabuti, por sua vez, é um animal desdentado de pequeno porte, que se locomove lentamente, porém é muito espertalhão.

Um belo dia, inesperadamente, os dois se depararam no meio da floresta. A onça, muito feroz, ameaçou matar o coitado do jabuti, e avançou sobre este devagarinho, abriu os lábios e mostrou os enormes dentes, dizendo:

— hoje é teu dia! Você será degolado!

O jabuti, ao ouvir este ato de ameaça, levou um susto e recuou lentamente, ergueu sua cabeça, olhou para a onça e imediatamente planejou uma saída dizendo:

— não tio, não me devora! Porque não tenho carne suficiente para lhe satisfazer, o pouquíssimo de carne que tenho não dá para matar sua fome, pois é somente espuma.

E logo interrogou-lhe:

— você está com muita fome? Quer comer muita carne? Bem se acreditar em mim, levo-o até um poço d'água onde tem muito peixe.

Pois esses peixes a que o jabuti estava se referindo eram somente poraquês (peixes elétricos).

Enquanto o jabuti expressava suas ideias, a onça aquietou-se e inclinou-se no seu ouvido, e ouviu a propaganda enganosa que o jabuti usou para iludi-la. Depois que ouviu a proposta, a onça respondeu:

— sim eu quero, leva-me a este local.

Então os dois, lado a lado, caminharam em direção ao poço. Enquanto caminhavam, a onça falava em silêncio:

— se hoje me enganar, vou lhe matar.

Do mesmo modo, o jabuti falava:

– você pensa que vai me matar? Está enganado!

Quando chegaram no local, o jabuti parou e disse:

– é aqui tio, venha ver o tanto de peixe que tem nesse lago, espia! agora é com você, pode escolher o maior de todos para comer à vontade.

A onça ficou surpreendida com o que viu e logo se aproximou dos peixes. Disse o jabuti:

– tio, fica à vontade, vou lhe esperar.

A onça não tinha noção que era peixe elétrico e mergulhou no meio do cardume. E se deu mal, levou tanto choque que desmaiou. Enquanto a onça desfaleceu, o jabuti apressadamente retirou-se daquele local e foi à procura de um esconderijo no meio da floresta. Deixou então a onça em um estado desagradável. A história diz, em cada momento, que o jabuti sai vantajoso, sai caminhando dando passos alegremente e cantando:

– korokotok kwiákwiá, korokotok kwiákwiák.

A onça então, no momento de desespero, urrava:

– ũũũũ ũũũũ! Hiiii hiiii!

E ao mesmo tempo dizia:

– Ah, desgraçado! Hoje você me dominou. Se eu escapar daqui, pode me esperar, hoje vou lhe matar!

Não demorou muito tempo, a onça escapou do perigo e ficou ali se recuperando por alguns minutos. Ela olhou no entorno do poço, porém não avistou o jabuti e logo saiu à sua procura. Enquanto andava, ela dizia:

– encontraremos novamente e dessa vez não vou lhe perdoar, vou lhe matar!

De tanto procurar, andando no mato, lá está o jabuti. A onça, com muita ansiedade de devorar, deu um salto instantâneo, agarrou-se no casco do jabuti e disse:

– hoje você me paga! Vou decapitar sua cabeça! Por que você fez isso comigo? Fugiu de mim, me deixou sozinho! Então vou lhe matar!

O jabuti encolheu sua cabeça entre os cascos e implorou humildemente, dizendo:

— por favor não me mate! Peço alguns minutos para lhe explicar por que eu cheguei até aqui.

A onça outra vez se aquietou para ouvir o jabuti. Com muita firmeza, ele se expressou dizendo:

— tio eu não fugi, vim até aqui procurando alguém que poderia me ajudar a socorrer você, eu sozinho não dava conta, infelizmente não encontrei ninguém, eu ainda estou a procura de alguém...

Outra vez o jabuti conseguiu persuadir a onça feroz. A onça, meio desconfiada, olhou para o jabuti, mostrou novamente seus enormes dentes, botou para fora sua língua e lambeu o jabuti, dizendo:

— você não está mentindo para mim?

O jabuti respondeu:

— não tio! Não estou mentindo, prometi sempre te ajudar nas horas difíceis.

Disse a onça:

— tudo bem, sendo assim podemos ser amigos para sempre! Porém quero fazer uma observação. No dia que você falhar e não cumprir com a sua promessa pois nesse dia tu serás degolado!

Então os dois firmaram um trato de amizade e saíram andando pela mata.

O jabuti, por ter sofrido mais uma vez ameaçado, planejou novamente outra saída. Ele, muito esperto, convidou a onça para uma brincadeira conhecida como “subir e pular da árvore” brincadeira que faz sonhar com os parentes já falecidos. A onça concordou e o jabuti afirmou que já tinha o local da brincadeira e os dois saíram ao encontro, andando por algumas horas. Chegaram então perto de uma grande pedra, onde o jabuti disse: — aqui é o local da brincadeira, a diversão vai ser aqui.

O espertalhão se dispôs primeiramente a fazer o treino: subiu em um cipó conhecido como “lexel tutxi” (cipó escada de jabuti). A uma certa altura, ele se despencou de cabeça em direção à pedra. No entanto, ao aproximar-se da rocha, ele encolheu sua cabeça entre os cascos para não se machucar, caiu e se enrolou no chão por alguns minutos fingindo estar adormecido. E assim repetiu o treino por duas vezes e ao término falou para a onça:

— tio é a sua vez, vai, suba naquela árvore para alcançar aquele galho mais alto, depois fecha os olhos e lança-te abaixo para cair de testa sobre a pedra para poder sonhar com seus parentes.

Disse a onça, meio desaminada ao jabuti:

— você não está me iludindo?

Respondeu o jabuti:

— não tio, não quero fazer-lhe cair em um erro, estou sendo honesto com você. Aqui é o local onde sempre realizo o passatempo, não se preocupe lembra da promessa que fiz a você? Agora pode subir.

A onça, com muita ansiedade de sonhar com os parentes, obedeceu ao comando do seu “amigo” e fez direitinho, de acordo com o combinado. Ela se atirou de cima e caiu com sua face sobre a pedra e desmaiou por algumas horas. Neste intermédio, o jabuti aproveitou para escapar e saiu marchando batendo suas patas no chão, causando um som da planta do pé “korokotok kwiákwiá korokotok kwiákwiá”. Ele foi à procura de uma toca para se esconder, sabendo que, quando a onça despertasse, ela sairia à sua procura para devorá-lo. O jabuti seguiu o seu destino e, para sua felicidade, encontrou um belo esconderijo e se entocou dentro do covil.

A onça quando acordou sentiu falta do jabuti, olhou por todo canto, não o viu e estranhou. Logo ela percebeu que o jabuti bagunçou novamente com ele. Rapidamente, ela saiu atrás do jabuti, andou noite e dia na mata, falou em silêncio:

— Ah jabuti em pouco tempo a sua esperteza terminará.

Depois de uma longa caminhada, a onça de longe avistou o jabuti em pé muito atencioso ao lado do seu esconderijo. Devagarinho, a onça foi se aproximando e, quando chegou perto, arremessou-se na direção do jabuti, que instantaneamente se jogou no buraco para se esconder. Mas a onça conseguiu agarrá-lo em sua pata traseira e disse:

— hoje a sua esperteza acabou, você vai me pagar! Vou lhe comer!

Ouvindo a fala da onça, o espertalhão abriu uma risada alegre e disse:

— háhahaha... pensa que pegou a minha pata? Você está totalmente enganado! Pegou na raiz da árvore.

O bobalhão, ouvindo esta expressão, pensou que realmente era verdade e soltou-o. O jabuti então conseguiu escapar outra vez.

Naquele instante o urubu-rei estava presente e observou tudo o que aconteceu. A onça então muito irritada com a circunstância acidental pediu um favor ao urubu-rei dizendo o seguinte:

— meu amigo você está com fome? Desça aqui e venha vigiar esta caça para mim, enquanto vou até em casa buscar uma picareta para cavar a terra, então assim que conseguir pegá-lo matarei e darei o intestino para o seu almoço.

O urubu-rei muito feliz concordou dizendo:

— pode deixar comigo, vou vigiar e vamos matá-lo.

A onça fez uma observação dizendo:

— se porventura deixá-lo escapar é você que vai pagar!

O urubu-rei respondeu:

— ele não vai escapar, pode deixar comigo.

Então o jabuti ficou preso no poder dos inimigos. Portanto, ele ouviu tudo o que haviam combinado, e disse:

— pensam que vão me comer! Estão totalmente enganados!

Logo ele planejou uma fuga. Demorou alguns minutos, ele saiu devagar olhando de um lado para o outro, viu o urubu-rei de plantão vigiando e disse:

— urubu-rei, o que faz aqui?

Respondeu o urubu-rei:

— estou vigiando uma caça que a onça deixou presa aqui neste buraco enquanto foi buscar sua ferramenta para cavar a terra até apoderar do animal para comer e prometeu dar a tripa para eu comer.

O jabuti, muito esperto, disse que a onça não iria chegar tão cedo e convidou o urubu-rei para uma brincadeira:

– Vamos brincar de “fechar e abrir os olhos” um passatempo muito divertido. Vou lhe ensinar como se brinca. Me espera, eu vou preparar o material.

O jabuti desceu no buraco e foi misturar terra com mijo e pimenta, formando uma bolota de terra para arremessar no olho do urubu e voltou preparado e disse:

– Vamos brincar, fecha os olhos e enfia sua cabeça no buraco, só abre os quando eu mandar.

Assim fez o urubu, enfiou a cabeça no buraco e o jabuti autorizou. No momento que o urubu abriu os olhos, o jabuti jogou uma bolota de terra com mijo e pimenta na cara do urubu, que puxou rapidamente sua cabeça do buraco e caiu no chão se enrolando, gritando, sacudindo repetidamente sua cabeça tentando desgrudar a bolota dos olhos. Nesse momento, a onça estava voltando e o urubu, preocupado com a chegada da mesma, deu um jeito e conseguiu abrir os olhos. O jabuti espertalhão saiu do buraco no momento em que o urubu tentava tirar a bolota de terra dos olhos e pôs-se em fuga novamente. Ele saiu oscilando de lado a outro, como se estivesse dançando ao som de instrumento de percussão, marchando e batendo fortemente suas patas no chão a ponto da planta dos seus pés produzirem um ruído que soava:

– korokotok kwiákwiá! Korokotok kwiákwiá!

Ele ainda dizia:

– Fiz um bom combate, sou eu o vencedor, ninguém consegue me vencer!

A onça, quando chegou e viu o vigia em um estado debilitado, o chamou e perguntou:

– O que tá acontecendo? Cadê a caça?

No entanto, o urubu se apresentou diante da onça muito atencioso, mas recuou, respondendo: –A caça fugiu! Ele me cegou, jogou uma porção de terra na minha vista e foi embora.

A onça, muita furiosa, olhou com má intenção no urubu e falou:

– és tu que vais me pagar!

Rapidamente, a onça deu um salto na direção do urubu com intuito de agarrá-lo e mata-lo. O urubu, muito assustado, se defendeu, quase foi pego pela onça, voou e se sentou num galho de árvore chorando:

– xê! xê! xê! xê! xê!

A onça não conseguiu devorá-lo, muito menos o jabuti e ficou lambendo os lábios. E o jabuti saiu vitorioso e cantando...

### 2.2.1. ANÁLISE DA HISTÓRIA DO JABUTI E A ONÇA

Os personagens da história são figuras performáticas, representam pessoas ou animais que figuram em um poema, acontecimento ou narração.

Todos os acontecimentos e narrativas são constituídos por personagens, são eles que fazem acontecer o fato. Os personagens das narrativas podem ser: objetos, animais, monstros, pessoas, espíritos e fenômenos.

Dentro de uma narrativa, podem participar vários personagens; todavia existem os personagens principais, que são aqueles que desempenham o papel central, sendo fundamentais para o desenvolvimento da trama. Estes são classificados como protagonistas e antagonistas. Os personagens que interagem entre si na história gerando um acontecimento são o famoso jabuti, a onça, o poraquê e o urubu-rei – figuras que participam do desenrolar da trama. O protagonista da história foi o jabuti espertalhão, que conseguiu dominar completamente a onça feroz. Para os Galibi-Marworno, o jabuti é símbolo de sagacidade, inteligência, capacidade de dominar as situações, daí a sua representação em cestaria, utensílios, adornos.

Sabendo que dentro de uma história a função do protagonista é alcançar algo, por exemplo, se uma narrativa relata sobre conflito e competição, é óbvio que no final da história o protagonista quer ser herói e sair vitorioso. Já o papel do antagonista de um conto se contrapõe ao do protagonista. Ele traz ou representa ameaça, obstáculo, dificuldade ou impedimento ao que o protagonista deseja alcançar.

Na história da onça e do jabuti, o protagonista sempre foi ameaçado em ser degolado pelo antagonista. No entanto, ele sempre procurou uma saída. Assim, de vez em quando, ele dava um golpe no ameaçador para poder escapar e alcançar o seu objetivo para que, no final da história, se torne um famoso herói vitorioso.

### 2.2.2 O TEMPO DENTRO DA NARRATIVA

O tempo na narrativa é o período que indica o percurso de um acontecimento que vai do início ao fim da história. Assim, como podemos contar o tempo cronológico usando relógio, temos ainda outro tipo de vivência do tempo, o tempo psicológico e como já dito

anteriormente, existem temporalidades próprias das cosmologias indígenas, que dão conta de um outro universo cultural e não está relacionada ao tempo cronológico ocidental (NEVES, 2018).

O contador de história Galibi-Marworno, quando se dispõe a narrar uma história, usa o tempo psicológico, que é o domínio para medir o espaço percorrido entre um ponto de referência a outro. Por exemplo, a história da “Onça e o jabuti” pode durar um tempo percorrido dando início da aldeia Kumarumã até o ponta do mosquito (alto mar), que se refere a uma distância percorrida entre 3 a 4 horas de viagens de motor.

Outro exemplo no que diz respeito à história de curto período, o contador tem uma base de tempo, anuncia que a história terá uma durabilidade de 30 minutos de viagem, que se refere ao trajeto do Kumarumã ao igarapé da montanha tipoca. Nesse caso, para contagem do tempo, o contador usa referências da própria região, na qual o ouvinte tem conhecimento das localidades.

### **2.3. A HISTÓRIA DO LAPWSIË**

Segundo os anciãos Galibi-Marworno, o universo mítico está distribuído em três camadas: o subterrâneo/subaquático, terrestre e celeste.

A história do Lapwsië (APÊNDICE A), por exemplo, faz referência às três camadas. Os plêiades/ilustres moravam aqui na terra, migraram para o mundo subaquático e depois para o celestial, transformaram-se em constelação, conhecida como Lapwsië (sete estrelas), espírito invisível que auxilia os pajés em tratamento de pacientes que sofrem de certas enfermidades. Como invisíveis médicos cirurgiões, as suas prescrições orais se transformavam numa espécie de “escritura invisível” que fixava na mente do pajé e era repassada verbalmente para os responsáveis do paciente, tal como o tipo de ervas que podem utilizar no tratamento e como devem preparar.

Percebemos que, na história do Lapwsië, há duas versões diferentes, pois a história foi relatada por duas pessoas com informações e detalhes diferentes, sendo que ambas já tinham ouvido alguém contar a mesma história.

#### **2.3.1. COMPORTAMENTO DAS PERSONAGENS**

A narrativa inicia com os protagonistas vivendo uma situação num lugar nem sempre muito bem determinado. Significa dizer que, ao se narrar a situação inicial, se procura contar

quem são os personagens, onde moram, como vivem, quantos são. Como na narrativa do Lapwsië, os informantes relatam que eram um grupo de pessoas visíveis que moravam aqui na terra, depois migraram para outros lugares, afinal se transformaram em estrelas formando a constelação de Sete Estrelas. Geralmente, os protagonistas estão vivendo uma situação difícil que vai provocar, mais tarde, o conflito da narrativa.

Na história do Lapwsië, a situação inicial foi representada no início das duas versões. Na primeira, o contador narra a decisão tomada pelos irmãos de amarrar o cunhado para torturá-lo; outra decisão foi definida pelo próprio marido de queimar sua mulher. Já na segunda versão, o contador também demonstra a decisão tomada pela nora do pajé de escassear alimentos para o sogro e de queimar a mão da sua cunhadinha. Essas situações provocam todos os outros acontecimentos.

Se perguntarmos qual seria então o motivo responsável pelos conflitos no conto do Lapwsië, a resposta seria que um maltratava o outro. E, se prestarmos bem atenção, veremos que os irmãos queriam matar o cunhado, porém não conseguiram. O homem queria enganar os irmãos, mas não conseguiu enganá-los; a mulher tentou enganar seu marido, porém mais tarde ficou sabendo que tudo o que ela alegava a respeito de seu pai e de seu irmão era mentira. Quer dizer, em todas essas situações, há alguns elementos como engano, escassez e vinganças. Se não tivessem sido enganados, os irmãos não teriam cortado a perna do cunhado; se não tivesse amarrado o cunhado para dormir na chuva, ele não iria se vingar; se a mulher não tivesse feito mal à sua cunhadinha, ela não teria sido abandonada pelo marido. Essas foram as atitudes tomadas pelos personagens da história do Lapwsië/Sete Estrelas.

As histórias criadas pela tradição oral não são tão simples, como podemos imaginar. Há uma diversidade significativa de informações. Assim, existem alguns tipos de histórias que os personagens são seres humanos, são animais e se transformam em seres sobrenaturais e vivem em ambientes diferentes. A referida narrativa nos trouxe um apanhado de informações sobre a convivência em família. Vimos que a mulher ignorava a ordem do seu marido, ela violentava sua cunhadinha e escasseava para o sogro, demonstrando mau carácter dentro da trama. Essa atitude, mais tarde, leva o pajé e sua filha a fugir para se transformar em estrela e para morar em um lugar bem distante da terra. Por essa atitude da mulher, o pajé, com o poder de transformação, modifica, fisicamente, a mulher para a forma de um sapo, o qual não tem para onde fugir quando as estrelas da chuva derramam suas

lágrimas sobre a terra – período de inverno, quando as águas das chuvas inundam toda a parte baixa da terra.

#### **2.4. ANÁLISE DO CONTO: O FAMOSO PESCADOR (SARACURA E MAGUARI)**

A história do Saracura e do Maguari (APÊNDICE B) que aqui discorro é de grande relevância para a cultura Galibi-Marworno, pois trata de uma competição de pesca entre a Saracura e o Maguari, ambos eram concunhado. O Saracura era considerado um rapaz bonito que entrava no igarapé e pegava muitos peixinhos para sua família. O Maguari era desprezado e considerado um rapaz preguiçoso, pois não colaborava nas tarefas nem saía de casa para pescar.

Contam os antigos que Saracura era um mariscador de peixes menores e o Maguari era pescador de peixes maiores. Só que ele não se dedicava a sua profissão, não quis demonstrar logo o seu talento, justamente para não envergonhar o seu parceiro. Deixou para surpreender a mulherada no último dia para sair vitorioso. E Saracura saía todo dia para pescar, sempre trazendo algo para comer, enquanto o Maguari dificilmente saía para pescar porque estava ocupado construindo uma casa, razão pela qual ele não pescava. O Saracura era bem tratado pela família de sua esposa, que lhe oferecia caxiri numa “cuia bem pintada”. Para o Maguari, o caxiri era servido numa cuia branca sem ornamentação. Na época, isso significava que quem tinha talento em algo era considerado uma pessoa importante, todos respeitavam e era bem tratada por toda a família, usufruindo do bom e do melhor. Já aquele que não demonstrava talento era menosprezado por todos, não merecia respeito pelo grupo, ou ao menos era tratado de forma comum.

#### **2.5. A HISTÓRIA DO PAJÉ FĀKONĪ E GIL PÓL**

A história da guerra dos pajés é uma narrativa que trata da relação do poder e da força espiritual. Uma vez que sabemos que guerra significa a posição de um guerreiro contra seu inimigo, essa questão pode significar conflito armado entre nações ou etnias. Em geral, os soldados guerreiam com arma de fogo, granada lançada com a mão ou fuzil, armadilhas e muitos outros objetos potentes capazes de destruir uma fortaleza ou uma cidade. Há nações que possuem armas químicas com grande poder de destruição, mas sempre num contexto em que cada um quer demonstrar maior poder que seu inimigo. Para os pajés, esse panorama não é diferente, pois um quer dominar outro para que, no final do combate, um

seja considerado mais forte que seu oponente. Assim, uns dizem que têm mais karuãnas (combatentes invisíveis) poderosos capazes de prender cem soldados de uma só vez. Exemplo desse tipo de combate é o confronto entre o pajé Fākoni e Gil Pól (APÊNDICE C), que lutaram espiritualmente com a força dos karuãnas. Por motivo de execução do ato de retirar a vida da filha única e o outro não gostou e vingou-se contra o provocante. A partir daí, começou a briga que levou o tempo de um ano, período suficiente para conhecer a força espiritual um do outro, com seus pontos fracos e suas fragilidades.

Os grandes pajés acionam os poderosos karuãnas para um combate através de cantos, do gesto de sentar no banco, da sinalização do maracá e da defumação do cigarro. Os karuãnas não são todos iguais, porém desenvolvem atividades diferentes – alguns são mais perigosos, espertos e talentosos do que outros. Para chamar um karuãna, há que entoar uma melodia específica. Para os karuãnas, os cânticos são uma espécie de convite que recebem para participar de uma sessão ou de um combate. Por isso se diz que, para cada ser invisível, existe um cântico diferente.

Durante a guerra espiritual dos dois pajés, várias pessoas do grupo participaram, sendo que todos ajudaram na organização da cantarola, na preparação da bebida, na fabricação do cigarro, na montagem da tenda, na preparação do alimento. Assim também todos cantaram e guerrearam juntos. Porém, quem visualizava os seres sobrenaturais e controlava os chamados para os karuanas era o pajé, quem comandava todos na sessão. Também era ele quem os invisíveis procuravam, pois o pajé era o causador daquele encontro bélico.

### **2.5.1. Análise da Narrativa KARUANAS**

Um país, antes de declarar uma guerra, deve se preparar bem, convocar todos os soldados de todos os estados para guerrear contra outro país. Desse modo, o país precisa de um número suficiente de soldados e equipamentos sofisticados, como tanques, navios, todo tipo de armas de fogo, aviões de guerra, helicópteros.

Para os pajés, a mesma questão se impõe. Quando se anuncia uma guerra, ele se sente seguro com o apoio de bastantes karuanas de diversas categorias para enfrentar o outro pajé, que também está bem organizado.

Numa guerra espiritual, os espíritos dos animais ferozes, tais como onça, morcego, águia, cavalo, piranha, arraia, peixe elétrico, lagosta e outros não mencionados, pois eles são considerados invisíveis poderosos numa guerra espiritual. Por exemplo, a lagosta, por ter a carapaça dura e duas pinças, é considerado um karuana forte como se fosse um carro

blindado. A pinça maior do animal tem possibilidade de prender 100 karuanas, e a menor prende cinquenta. Dizem que quando se prende o inimigo ele jogam no alto mar para outros animais mais agressivo como tubarão para devorá-los. Quando é lançado no lago de água doce, é para a mãe piranha (peixe carnívoro com dentes afiadíssimos) triturar aquele ser, reduzindo-o a pedacinhos. Outro espírito de animal perigoso é o poraquê. Onde ele está, ninguém entra sem permissão, pois o seu terreiro está cercado com uma espécie de rede elétrica. Dizem os pajés que ele não bebe não fuma e os que bebem fumam esses fazem atividades em troca de bebida e festa. O cavalo é o outro animal considerado pelos pajés como meio de transporte terrestre; a cobra é um outro meio de transporte aquática; e a águia meio de transporte aérea. Existem vários outros meios de transporte utilizados pelos pajés, porém os mais usados são os que foram mencionados. A arraia é um karuana muito perigoso, pois se torna um combatente arremessador de lança como se fosse um fuzileiro de guerra. Todos os karuanas têm suas funções na guerra e fora dela. Esses são exemplos de alguns seres sobrenaturais invisíveis dos pajés. Existem vários tipos de guerreiros outros, que são médicos cirurgiões e, ao mesmo tempo, combatentes. O principal karuana é aquele que cuida do pacará (cesto de forma retangular feito de arumã serve para guardar os pertences do pajé), conhecido como beija-flor, dono do cigarro que significa o guia ou o vigia do pajé. Ele é como se fosse um guarda costa.

Na cosmologia indígena, cada lago, rio, igarapé, poço d'água, montanha e campo firme tem seu dono. Esses donos são os espíritos dos animais invisíveis que cuidam do mundo sobrenatural e só podem ser vistos pelos pajés. Por exemplo, o dono das águas é a cobra grande e outros animais aquáticas, cujas características são metade cobra e metade peixe ou outro animal. Eles são chamados também de “mamã e ghãpapa” (mãe e vovô do reino animal). Para explicitar melhor, sigamos uma ilustração bem conhecido é o reino da formiga, que no grupo existe uma formiga de tamanho maior do que as demais, esta é a rainha e gera os filhotes, assim os outros animais são eles que geram os filhotes, por isso são denominados mãe e vovô. Esses são os karuanas agressivos com os quais os pajés trabalham. Em contexto de combate, os guerreiros não perdoam seus inimigos durante a batalha. São animais que não têm pena de outro. Dizem que quem pode controlar esses animais é o pajé, esses são grupo invisível com qual os xamãs trabalham.

## **2.6. A HISTÓRIA DO TXIKWÃ**

A história do Txikwã (passarinho de caldo comprido) faz referência à história do dilúvio no tempo de Noé, profeta justo diante da vista do Senhor.

A história relata que o txikwã é um passarinho de revelação (APÊNDICE D), pois sua característica ilustra a imagem de Jesus com plumagens de cor cinza, bico amarelo e cauda longa. Portanto, na ideologia do homem, o txikwã era Deus. A plumária lembra a veste de Jesus. Este apareceu a ele antes do dilúvio, na ocasião em que ele estava construindo uma canoa. O pássaro txikwã se transformou em um homem como mensageiro do Senhor para anunciar o dilúvio a toda criatura, dizendo ao homem: que a terra está cheia de violência; por isso veio para falar a você e a toda criatura que o fim de todo seres viventes é vindo perante a sua face. Essa história nos afirma que o homem estava trabalhando construindo uma canoa e todo dia o txikwã estava ali perturbando com uma melodia desagradável ou choro que, na cultura indígena, anuncia uma notícia ruim. Porém era um mensageiro do Senhor que veio trazer boas novas a esta família. No entanto, quando ele apareceu e perguntou: O que faz aqui? Por que faz esta canoa? E aconselhou que deixasse de construir essa canoa que a mesma pode te devorar; melhor construir uma grande embarcação que irá lhe salvar tu e sua família e você não vai estar construindo sozinho Deus vai lhe ajudar a construir. Fica com esse conselho e convida todos a participarem na construção. Se derem ouvido a você, sua família e você sobreviverão.

### 2.6.1. ANÁLISE

No anúncio do dilúvio, vimos que as personagens eram homens e pássaros. A personagem principal dessa referida história foi o txikwã, que se transformou em um anjo do Senhor para transmitir a mensagem da salvação de uma família e de todos os animais que tem fôlego de vida – do homem às aves dos céus. Como o protagonista é o homem, que conseguiu construir uma grande embarcação para salvar a sua família e os animais, ele pregou a palavra do Senhor para muitas pessoas; afinal, somente oito pessoas acreditaram e foram salvos do dilúvio.

Já a pomba e o urubu são personagens que também contribuíram e solto pelo Noé para verificarem se as águas tinham minguado. De acordo com a história, no final de tudo, a pomba não obedeceu à ordem do Noé, porém no último momento, desobedeceu, foi solto para uma missão, mas não cumpriu com o compromisso e foi amaldiçoado pelo Senhor, que transformou a pomba em urubu para consumir carne em estado de decomposição. Transformou o urubu em pomba e abençoou-o como uma ave limpa e obediente.

O homem estava construindo uma canoa quando de repente apareceu um passarinho por nome Txikwã, que caía em prantos de vez em quando. Segundo a cultura indígena, choro de passarinho significa uma notícia ruim, e em cada momento que o pássaro chorava, o homem se comunicava com ele dizendo: ó passarinho, o que queres me dizer? O que pode acontecer comigo? Se tiver algo de mau para acontecer, entrego nas mãos de Deus, só ele pode me defender. Se algo de ruim está para acontecer, me fala. Na verdade, o passarinho era Deus, que realmente queria revelar para ele algo que já tinha planejado contra a terra. No entanto ele continuava trabalhando pensando no que poderia acontecer, quando de repente ouviu um estalo no seu lado posterior como se alguém estivesse quebrando um galho seco, o homem virou para trás, contemplou-o e deparou se com um homem semelhante a ele, porém era o passarinho que se transformou visível para contar o que iria acontecer com todos os seres vivente da face da terra. O homem então se assustou, logo ele falou: Não tenha medo, não veio fazer mal à você, pelo contrário veio trazer uma notícia boa para tu e sua família. Porque eu te hei visto justo diante mim. Então contou tudo que tinha para acontecer e desse: deixe esse trabalho, faz para ti um grande barco, orientou-lhe tudo como para fazer, diz ainda que tu não vais construir sozinho eu vou lhe ajudar a construir, porque vou trazer um dilúvio de águas e vai morrer muita gente, mas contigo não vai acontecer nada, pois vou estar junto com você dentro do grande barco. Tu podes levar contigo todos os teus mantimentos que vai consumir, ainda embarco teus filhos e os animais de todas as espécies de dois em dois.

Terminou o pássaro de dar a notícia e falou: Já estou indo, mas todo dia estarei contigo no seu estaleiro. O homem então deixou de construir a canoa e foi embora. Quando chegou em casa contou para sua mulher e seus filhos que alguém falou com ele, contou tudo e depois começou a construir a embarcação. Ele também começou a contar para muita gente, mas muitas não acreditaram e começaram a zombar dele. E assim ele fez de acordo como havia orientado e quando veio o dilúvio foi salvo ele sua família seus filhos e os animais.

Na história do txikwã que faz referência ao dilúvio, Deus ficou irado com a violência do homem na face da terra, e mandou chover quarenta noites e quarenta dias. Assim, as águas subiram alguns metros acima das montanhas e a arca ficou flutuando por cima das águas por muitos dias. E Noé, servo de Deus, com sua família e seus filhos e as mulheres de seus filhos e os animais, ficaram protegidos dentro da grande arca. Quando as águas estavam diminuindo, a embarcação aos poucos foi aquietando; então o homem percebeu que as águas minguavam. A história diz que o homem pudesse ter certeza que realmente

as águas estava baixando, abriu a janela da arca e soltou uma pomba que saiu voando e voltou ao alcance do homem, a pomba era a ave escolhida para fazer esse percurso e foi uma das aves que tinha privilégio para sair da embarcação com compromisso de verificar se as águas minguavam. Ela saiu pela primeira vez voltou porque as águas estavam sobre a face de toda a terra. A pós alguns dias soltou novamente a pomba pela segunda vez e a pomba voltou, pois não tinha onde para ela pousar os seus pés. Na terceira vez tornou a enviar a pomba fora da arca, desta vez voltou com um pequeno galho de árvore no seu bico e o homem ficou sabendo que as águas tinham minguado.

Então o homem esperou ainda uma semana e tornou a enviar a pomba, que não tornou mais a ele, e soltou o urubu, que foi atrás e encontrou a pomba de cauda para cima e bico para baixo se alimentando das carnes humanas que estavam em estado de decomposição, e voltou contou para o homem. E o homem contou para Deus o qual maldiçoou a pomba e transformou-o em urubu e disse: pela desobediência passará a ser o urubu, pássaro mais imundo de todos que existem na face da terra, vai se alimentando de carne em estado de decomposição até ao fim de sua vida, por isso hoje o urubu come coisas podres; e urubu pela obediência passa a ser a pomba, pássaro mais lindo e abençoada por Deus.

Na história do Txikwã, percebemos que, logo no primeiro parágrafo do texto, o narrador menciona o conhecimento tradicional da cultura indígena por meio do choro de passarinho, que é sinal de notícia ruim e o cântico alegres dizem que são boas novas. Nesse meio tempo, o passarinho estava esperando uma oportunidade para transformar-se à semelhança de um homem. A história diz que Deus apareceu ao homem para um diálogo pessoal, para transmitir o fim dos tempos, dizendo que ia trazer um dilúvio de água sobre a terra, deixe esse trabalho e prepare um grande barco para você. A intenção do Txikwã era salvar a vida do homem, de sua família e de todos os animais. No entanto, todo dia ele vai conversar com o homem, vai instruí-lo como fazer a embarcação. Chega em forma de passarinho e logo se transforma em ser humano.

No terceiro parágrafo, relata-se que Deus transformou a pomba em urubu e amaldiçoou pela sua desobediência e transformou o urubu em pomba pela sua obediência. Percebe que na história três aves foram transformadas: O txikwã, a pomba e urubu. O txikwã foi transformado em um homem, que trouxe a notícia do dilúvio ao carpinteiro que trabalhava sua canoa e conquistou-o a deixar de construir. A pomba e o urubu foram transfigurados, ou seja, mudaram de caráter e a aparência, um por causa de não obediência a ordem de Deus e outro por acatar e respeitar o mandado do Senhor, que foi solto da arca para ir atrás da

pomba verificar por que estava demorando a voltar na arca, o mesmo, porém, encontrou o outro caído na perdição e voltou para contar, por isso foi abençoado e a pomba Deus amaldiçoado.

## **2.7. ANÁLISE DA HISTÓRIA OS PÁSSAROS**

Segundo a tradição do povo Galibi-Marworno, nos tempos remotos, todos os animais eram gente, cada um falava sua língua, mas todos se entendiam. Entretanto, depois que se transformaram em animais, de acordo com sua espécie, nenhum entendia mais a fala do outro. Ou seja, o cântico e assobio de um passarinho é próprio dele; somente o pássaro da mesma espécie pode entender o que cada um quer dizer. A história do passarinho órfão (APÊNDICE E) relata a informação de desprezo, percebemos na hora do almoço o pequeno se aproximou da tia para juntos comerem e ela não dava a mínima atenção a ele, pois quando viu que ela não olhava para ele, começou a pedir e por infelicidade a tia não atendia só dava a casca da batata, ele porém neste momento sentiu desprezado por ela. Não contente com o desprezo, foi se queixar para seu tio que lhe deu um carinho especial.

Quando todos se transformaram em pássaro, cada qual ficou com um cântico específico a fala transformou em assobio, o choro em cântico É o caso do passarinho órfão que ficou com essa melodia de “Tio, tio a titia me deu casca de batata tio”. Essa pequena história era contada para aconselhar as crianças a obedecer aos seus pais. As mães quando queriam corrigir ou instruir seus filhos, sempre usavam essa referência para que seus filhos reflitam. Ela dá exemplo do filho órfão, quando morem um pai ou uma mãe, assim outras pessoas poderão fazer com seu filho, isso não é bom um filho ser maltratado pelos outros. As histórias também servem para educar as crianças.

## **2.8. ANÁLISE DA HISTÓRIA DO HOHO - (HISTÓRIA DO ANÃO SUBTERRÂNEO)**

As personagens das histórias variam de acordo com o ambiente onde é realizado o drama. Assim, se a história fala de rio, igarapés, lagos, cachoeira e outros espaços referentes à água, sempre deve haver personagens animais aquáticos. E se for uma história que faz referência a montanhas, florestas ou campos, as personagens também podem ser animais terrestres. Se o ambiente for celeste, as personagens também poderão ser celestiais como: sol, estrela, lua, nuvens e anjos.

O número de personagens dentro de uma história também varia, de acordo com o tamanho da história, ou seja, com o tempo que leva para concluir a história. Nesse caso, se

numa história há meia dúzia de personagens, o contador tem que narrar as ações que cada um executa, ou seja o papel que cada um realiza dentro do drama.

Na história do Anão Subterrâneo (APÊNDICE F), aparecem somente dois tipos de personagem: o hoho e djiab dābwá, são personagens sobrenaturais. Quando querem aparecer deste mundo, eles se transformam em ser humano. O hoho, um ser de pequena estatura, anão invisível que habitam no mundo subterrâneo, alimenta-se de um tipo de caranguejo miúdo conhecido como Kupá, que se encontra nas várzeas da terra firme. O outro integrante é o famoso djiab dābwá (diabo da mata), um homem alto, peludo, sua perna direita é de madeira marapinima, anda saltitando, tem maninha de desviar as pessoas das trilhas quando andam pelas matas, perdem o rumo e anda em circo, ele é muito mal. Por ser um homem malvado, ele só anda com tempo chuvoso, tem costume de bater com a perna direita nas raízes das árvores que produz som de um tiro, dizem que ele atira sua presa e seu grito trovejante amedronta as pessoas. A quantidade de personagens composta nessa história é de apenas quatro integrantes: djiab dābwá, sua mulher seu filho e hoho.

No horário de meio-dia, a mulher do yorokã foi vítima, o hoho roubou-a e pegou para sua mulher, fugiu com ela e levou-a para longe de sua casa e deixou o filhote sozinho na sua casa e já estava esfomeado. O pequenininho djiab dābwá, assustado ficou trêmulo de medo não suportou tanto susto, gritou e chorou amargamente. Como era grandinho já sabia discernir o que era bom o que era mal. Quando de repente apareceu um homem estranho de pequena estatura agarrando sua mãe correndo com ela rumo a montanha yaniwaká-topo, ele percebeu que aquele ato era um assalto, logo comunicou o seu pai que estava ausente no momento dizendo para ele voltar logo, rápido que o hoho está levando a sua mãe para outro lugar distante pois ele ficou sozinho em casa. Porém esse comunicado era através de choro, o pequeno djiab dābwá chorava e simultaneamente falava o que aconteceu com sua mãe. Quando o grandalhão ouviu essa mensagem enviado pelo seu filho, ficou louco no meio da floresta, não queria saber mais de caçar, ficou irado, respondeu-o causou forte ventania, que chegou a relampear e trovejar, voltando voando carregando folha no seu peito e o filho percebeu que ele ouviu a mensagem e ficou esperando ele chegar para indicar o rumo onde o hoho carregou a sua mãe.

Quando o pai alcançou o seu filho logo interrogou-o dizendo: O que foi que aconteceu? Quem levou a sua mãe? Para onde foram? O filho então contou tudo como foi que aconteceu e indicou o rumo para onde foram. Ele então pegou o filho pelo braço colocou-o no ombro e saiu correndo na direção indicado pelo seu filho. Em pouco tempo chegaram

no vilarejo dos predadores e viu a sua mulher manipulado pelos hoho, ele não aceita e correu e puxou a sua mulher pelo braço.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

São os nossos velhos mestres que contavam as histórias do passado. Quando um contador se disponibilizava a contar uma história para os jovens, é porque queria compartilhar o seu conhecimento com as futuras gerações para dar continuidade à cultura, assim valorizando e divulgando patrimônios imateriais. Isto é, a fala do narrador se fixava na memória do ouvinte, de tal forma que obrigava a recontá-las. Às vezes, ao reproduzir um conto, modificamos ao menos o relato ou a maneira de relatar para impressionar os ouvintes. Quando fazemos isso, nós não estamos apenas repetindo o que ouvimos, mas também recriando com um pouco de imaginação, introduzindo um pouco de ficção ao recontar tais histórias, garantindo, assim, sua reprodução futura.

O público alvo é um grupo de pessoas que se unem em um determinado espaço para ouvir uma história. Esse grupo pode ser: família, vizinhos, adultos, jovens e crianças da aldeia. Ouvir histórias é algo tão prazeroso que desperta o interesse das pessoas de todas as idades. Se os adultos gostam de ouvir uma belíssima história, os jovens e as crianças são capazes de se interessarem e gostarem ainda mais.

A narrativa faz parte da vida das crianças desde bebê, através da voz amada de suas mães, no balanço da rede e das canções de ninar. Ao ouvir uma história, as crianças já demonstram seu interesse, batendo palmas, sorrindo, sentindo medo, imitando a fala e o cântico de alguns personagens. Contar um fato consiste em apresentar para o público uma narrativa que parte de certa leitura da natureza humana, animal e vegetal, ou seja, a leitura de mundo.

Em um passado recente para os Galibi Marworno, era comum as famílias e a vizinhança se reunirem na casa de parente para contar e escutar histórias, além de executarem essa prática em velórios, onde se concentrava a maior parte dos ouvintes. Hoje dificilmente isso acontece. Esse hábito de contar e ouvir histórias fazia parte da nossa tradição e precisamos manter essa prática que, nos dias de hoje, é algo raro, pois tal prática perdeu espaço em várias sociedades pelo mundo.

Todos já ouviram, de alguém da família, uma narrativa divertida contada de geração em geração. A fala humana é uma das ações mais antigas de transmitir mensagens; portanto, as narrativas contadas de pai para filho têm um papel indispensável no desenvolvimento das culturas indígenas. Além do mais, o ato de contar e ouvir histórias ajuda muito no desenvolvimento do pensamento crítico de um povo. Sabemos que as histórias eram divulgadas oralmente pelos contadores. Quando recontamos uma história,

conseguimos naturalmente a expressão adequada. Mas quando vamos escrever, nem sempre conseguimos imprimir na escrita a nossa voz.

Se perguntarmos em que circunstância hoje são contadas as histórias, podemos perceber que elas são contadas com frequências nas escolas, por razões que muitas são escritas em livros, bem representadas em filmes, programas de televisão e outros. Todavia, os povos indígenas procuram manter viva a tradição de contar história oralmente para não perder o antigo costume e perpetuar a cultura do povo. Como observação posso dizer que, um pouco antes da influência da religião evangélica em minha comunidade, quando vinha a óbito um integrante da comunidade, alguns anciãos se disponibilizavam em animar a noite do velório com conto e canto fúnebre.

Muitos anos atrás, antes da chegada da tecnologia na sociedade indígena, as histórias eram contadas pelos nossos velhos mestres de forma oral. Hoje as histórias já não chegam pela voz viva e também já estão registradas apenas nas páginas dos livros. Estão nas artes visuais como no cinema, na televisão e em outros meios. Mas antes do surgimento da imprensa e da tecnologia eletrônica, as coisas não eram bem assim. As histórias eram contadas em voz alta por um narrador a um grupo de pessoas.

Procurei, de várias formas, dar voz à memória dos meus avós, ou seja, dos meus antepassados, não deixando que caíam no esquecimento, por meio do registro escrito das narrativas do povo Galibi-Marworno. A coleta das narrativas procurou ampliar os conhecimentos acadêmicos sobre a cultura desse povo. Ao longo da história, os povos indígenas sofreram diversas invasões e opressões dos colonizadores, sobrevivendo a séculos de histórias de lutas, em sua defesa e em defesa da memória dos seus povos. No Amapá, como um pouco por todo o Brasil, os povos indígenas são esquecidos ou tratados como se fossem de uma cultura única e falassem uma só língua. A sua diversidade cultural e linguística é, no entanto, assinalável. A necessidade de preservar as memórias de uma comunidade como a nossa, Galibi-Marworno, chamou a minha atenção, antes de entrar no Mestrado em Letras, da UNIFAP. Ao longo da Licenciatura Intercultural Indígena, na graduação da UNIFAP/Campus Binacional Oiapoque, estudámos e lemos sobre a importância de manter viva a nossa cultura, sobre a responsabilidade em contarmos a nossa própria história e transmitir a cultura dos nossos ancestrais.

Como se pode perceber, quando se trata de pesquisa e descrever as narrativas orais contadas e repassadas de geração a geração, estas histórias trazem uma ampla reflexão dos conhecimentos tradicionais do nosso povo. Nesse sentido, é uma maneira de efetuar

profundamente a revitalização das práticas culturais que estão ficando adormecidas já há um bom tempo. Este procedimento de estudo teve como finalidade divulgar para sociedade indígena e não indígena a memória histórica compartilhada pelos anciões Galibi-Marworno da grande aldeia Kumarumã.

Como resultado desta pesquisa, conseguir registrar oito narrativas e ainda examinei minuciosamente cada uma. A análise permitiu distinguir que as narrativas registradas são compostas de vários elementos como: tempo, espaço, personagem e símbolos. Todavia, durante a pesquisa fui informado que as narrativas são contadas tradicionalmente em ocasiões específicas, muitas vezes são acompanhadas de performances.

Este trabalho de dissertação intitulado “A voz dos meus avós: narrativas Galibi-Marworno” é constituído por dois capítulos, cada capítulo vem informando tópicos diferentes, por exemplo na primeira parte encontra-se um breve histórico do povo Galibi-Marworno, na segunda aborda descrição das narrativas e concomitantemente as análises. De seguida, o trabalho contém referências bibliográficas e algumas fotos de certos objetos utilizado nas atividades tradicionais.

Sabendo que esse pequeno registro histórico é muito pouco para apresentar meu povo, porém representa um recorte de uma pequena parte da vida do povo Galibi-Marworno. Espero que todos os conhecimentos tradicionais do meu povo sejam registrados, publicados e distribuídos nas escolas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

LAVAL, Pauline Adélaide; VIDAL, Lux Boelitz. *Peixe e Pesca: conhecimentos e práticas entre os povos do baixo Oiapoque*. Amapá/São Paulo: IEPÊ, 2019.

MACHADO, Irene A. *Conteúdo e Metodologia da Língua Portuguesa. Literatura e Redação*. São Paulo: editora Scipione, 1994.

NEVES, Ivânia dos Santos. As histórias de Murué Suruí e Kudã'í Tembê: traduções e temporalidades. *Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea*, (53), 2018. <https://doi.org/10.1590/2316-4018536>.

SANTOS, Augusto Ventura dos; LEWKOWICZ, Rita Becker (Orgs.). *Para cuidar da Terra Indígena: memórias e reflexões de Domingos Santa Rosa*. Macapá/São Paulo: IEPÊ, 2020.

SANTOS, Davi Felisberto dos; SANTOS, Nordevaldo dos. *O Lago Maruane: conhecimentos tradicionais dos Galibi Marworno*. São Paulo: OINAK, 2017.

VÁRIOS AUTORES. *UASEI, O LIVRO DO AÇAI: saberes do povo Karipuna*. Org. Ana Paula Nóbrega da Fonte. Direção Luís Donisete Benzi Grupioni. São Paulo/Macapá: IEPÊ, 2015.

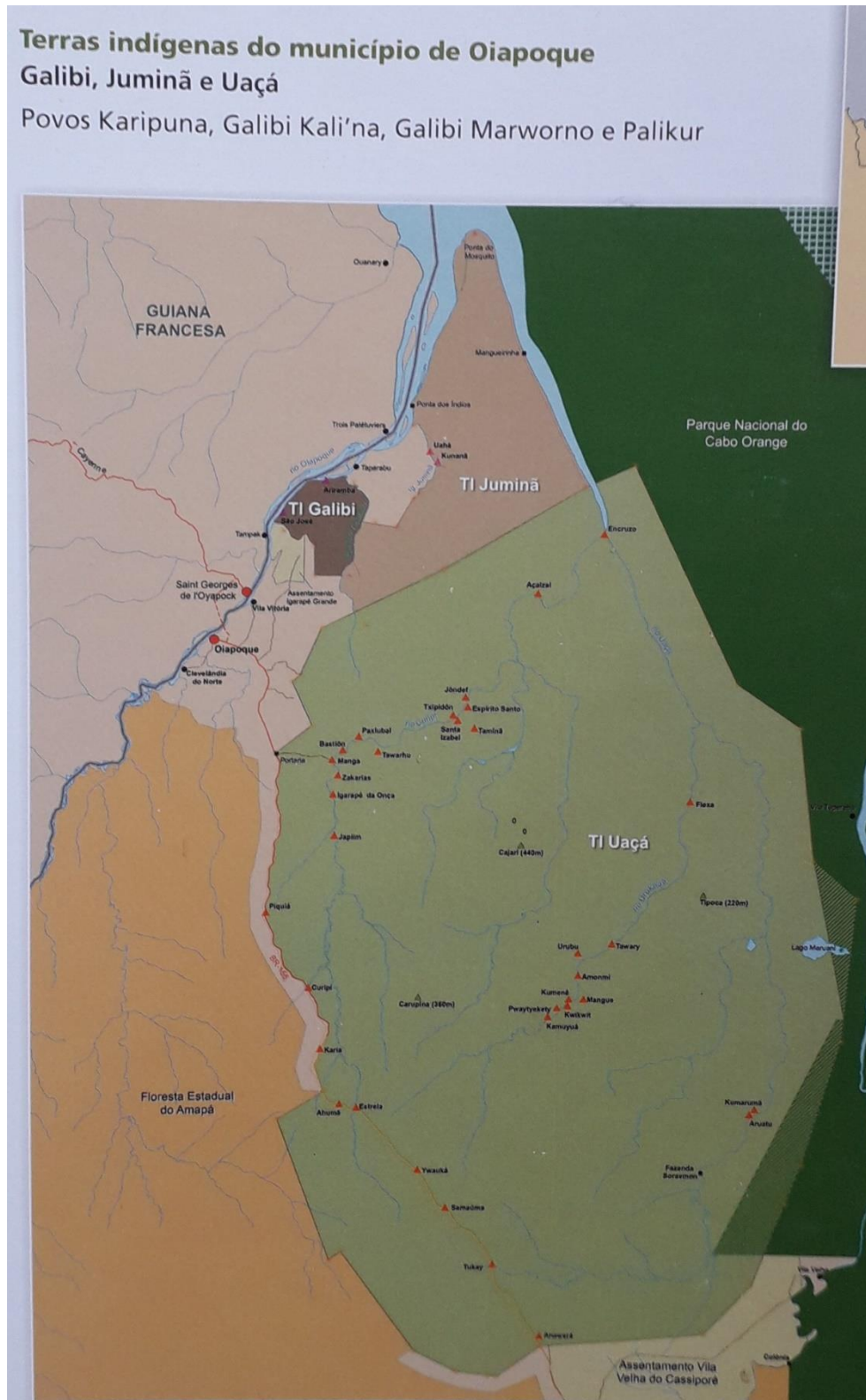
VIDAL, Lux Boelitz. *Povos indígenas do Baixo Oiapoque: o encontro das águas, o encruzo dos saberes e a arte de viver*. 3.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Museu do índio e Iepê, 2009.

VIDAL, Lux Boelitz; LEVINHO, José Carlos; GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Orgs.). *A presença do invisível: vida cotidiana e ritual entre os povos indígenas do Oiapoque*. Rio de Janeiro: IEPÊ, 2016.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Trad. Jerusa P. Ferreira; Maria Lúcia D. Pochat; Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec, 1997.

## ANEXO A

Mapa das Terras Indígenas do município do Oiapoque. FONTE: VIDAL, Lux Boelitz; LEVINHO, José Carlos; GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Orgs.). *A presença do invisível: vida cotidiana e ritual entre os povos indígenas do Oiapoque*. Rio de Janeiro: Iepê-Museu do Índio, 2016.



## ANEXO B

Caroços de tucumã. Objeto usada no tratamento do peito da menina moça (caroço miúdo). Fotografias de Nordevaldo dos Santos



## ANEXO C

Arrais que a parteira utiliza para usar no parto. Formados de lodo ou de sujeira de árvore. Fotografia de Nordevaldo dos Santos.



## ANEXO D

Ossos da tireoide retirada do pescoço do macaco guariba serve para cuidar da garganta da menina e menino. Fotografia Nordevaldo dos Santos.



## ANEXO E

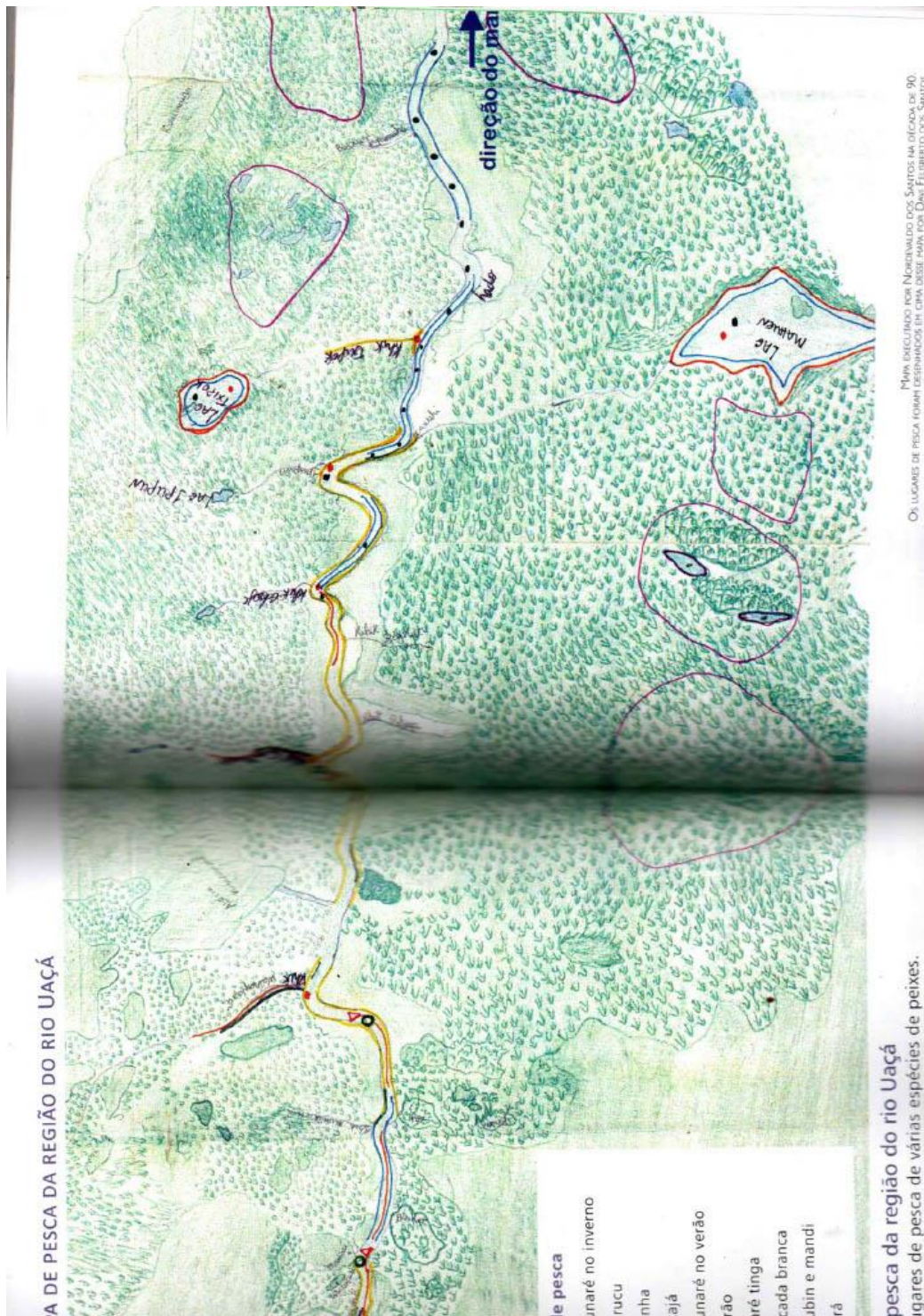
Objeto da palmeira de najaseira, chamado croata. Fotografia de Nordevaldo dos Santos.





## ANEXO F

Mapa da região do rio Uaçá. FONTE: LAVAL, Pauline Adélaide; VIDAL, Lux Boelitz. *Peixe e Pesca: conhecimentos e práticas entre os povos do baixo Iapoque*. Amapá/São Paulo: IEPÊ, 2019, p. 75-79.



## APÊNDICE A

### A HISTÓRIA DO LAPWSIË (SETE ESTRELAS)

Segundo José Andrade, pajé Galibi-Marworno, vulgo Levê, morador de várias localidades da região do Uaçá, o Lapwsië era um grupo de pessoas que, nos tempos remotos, moravam aqui na terra, cuja profissão era fabricar remédio caseiro utilizando várias ervas medicinais. As mesmas eram pessoas privilegiadas pelo saber, que não gostam de barulho, de pitiú (o cheiro forte de peixe), são impacientes, apressadas e infalíveis, uma vez que marcam presença sempre que são convocadas.

Diz José Andrade que todos trabalhavam juntos. O cunhado deles, também lapwsië, era caçador e responsável por conseguir alimentos para os fabricantes de remédio. Os alimentos que ele trazia eram: caça, mel, frutas e tubérculos. Sua esposa cozinhava para todos. Lá dentro cada um fazia sua parte.

Um belo dia, o cunhado estava falando em tom de brincadeira com sua esposa, dizendo que é um gozo dormir quando chove. Um deles ouviu o comentário e não gostou da expressão e logo perguntou à sua irmã: com que intenção ele falou isso? Ela então sabia que ele iria causar um transtorno muito grande, explicou então, dizendo que ele falou brincando sem nenhuma intenção de prejudicar ninguém. Porém, interpretou mal, e alegou que o cunhado estava falando mal de todos e levou o caso ao conhecimento dos irmãos. Eles também não gostaram da brincadeira e falaram: por causa dessa tua brincadeira, hoje você vai dormir na chuva.

Ao entardecer, pegaram o cunhado e algemaram com cipó nos braços e nas pernas e amarraram também na cintura e arrastaram ele fora até o beiral da casa e prenderam no esteio. Clamaram o nome de seu deus pediram para ele mandar chover. Ele porém atendeu o pedido, arriou chuva logo ao anoitecer até amanhecer. O indivíduo ficou vergado e adormecido de tanto frio, pálido que não podia nem falar. Ao amanhecer eles foram vê-lo. Quando chegaram perto, viram ele naquele estado e começaram a zombar dele: Foi você que falou é um gozo dormir na chuva, E aí você gostou? É bom dormir na chuva? Ele só confirmando balançando a cabeça. Depois que terminarem de escarnecer dele desamarraram e logo mandaram ele caçar. Com muita dificuldade ele andou, foi ao alcance da sua mulher e falou: Os teus irmãos me ofenderam, queriam me matar, infelizmente não conseguiram. Pois vou vingar-me deles pelas ofensas proferidas.

Pegou suas armas e entrou na mata, andou até chegar na sua roça e parou para aquecer no sol. Enquanto aquecia planejava uma vingança, quando tudo normalizou ficou

aquecido, flechou uma lagartixa e matou, pegou e abriu passou o sangue nas suas flechas e depois voltou para casa. Quando chegou chamou todos para avisar que matou uma anta e veio buscar sua esposa para ajudar a moquear a caça. Tudo bem, todos gostaram e logo foram embora. Andaram e andaram parece que não chegavam mais, a mulher de vez em quando perguntava se ainda estava muito longe, ele porém respondiam que não! Já estamos chegando. Continuavam andando, chegaram num local e onde havia muito cipó e parou, falou para a sua mulher a caça não está muito longe vamos parar aqui para eu tecer uma panela enquanto tem cipó, pois vamos precisar para armazenar a carne, a mulher inocentemente concordou com a ideia. Ele ainda falou para sua mulher: Enquanto estou tecendo a panela, é bom você ir indo logo ajuntando lenha para fazer uma fogueira para moquearmos a carne da caça, ela então começou a fazer o fogo. O marido tirou cipó e começou a tecer, ele tecia muito rápido e de vez em quando pedia à sua mulher para entrar na panela para basear a altura da caça. Ela, sem perceber nada, embarcava. Portanto, esse ato era uma armadilha. Afinal de contas, ele acabou por enjaular sua mulher dentro da panela e provocou um susto dizendo: Lembra que eu falei que vou vingar pela maldade que seus irmãos fizeram comigo? Chegou a hora, é você quem vai pagar por tudo isso que fizeram comigo. Eu não matei caça nenhuma e você vou queimar, vou lhe sacrificar e vou trazer o teu fígado para seus irmãos comerem, você hoje vai morrer carbonizada.

A mulher ao ouvir essa expressão, levou um susto enorme e ficou desesperadamente sem poder sair e implorou dizendo:

--- Meu marido, não faz isso comigo, por favor! Não foi minha culpa, eu até queria te ajudar porém não foi possível, o meu esforço foi em vão. Me tira daí por favor!

Ele então não deu ouvidos á fala da sua mulher e não teve pena dela, logo ajuntou-a, pôs-se sobre os ombros rodou a fogueira, assim despedindo da sua mulher e no entanto jogou ela sobre a fogueira. Ela então gritou bastante e morreu. Deixou o corpo esfriar tirou o fígado e o coração empacotou com folha de açai, tirou também a cabeça e amarrou com cipó e voltou pelo mesmo caminho rumo à sua casa. Cortou uma vara afincou no meio do caminho e pendurou a cabeça e foi embora. Quando estava ainda longe, viu a sua cunhadinha e ela correu ao seu encontro e perguntou: Onde está a sua mulher?

Respondeu ele:

- Está vindo atrás.

Ao chegar em casa, chamou todos e disse: a minha mulher mandou o fígado e o coração moqueado para vocês merendarem antes de irem ajudar ela a carregar o jamaxim cheio de carne moqueado.

Eles, porém, pensaram que era verdade, ficaram alegres e todos se puseram no chão sentando em roda para comerem. A cada pedaço de fígado que sua mãe colocava na sua boca caía, ela não conseguia mastigar, portanto a sua boca enchia de saliva. Todos ficavam admirados do que acontecia. Tentava várias vezes não conseguia comer. E desistiram, logo se arrumaram para buscar a mulher. Enquanto caminhava o homem pegou suas flechas e começou a flechar para cima com objetivo de acertar o centro do céu. E fez várias tentativas até conseguir. Todavia, a primeira flecha servia como prendedor ou argola para amarrar a escada. E conseqüentemente teria que embutir cada flecha uma na ponta da outra, isso significa dizer que cada flecha era um degrau da escada. Assim foi emendando as flechas, do céu até à terra. Diz o informante que estava construindo sua escada para subir ao céu fugindo dos irmãos. Assim fez o homem a sua escada.

Quando o pessoal chegou onde ele tinha posto a vara com a cabeça se deparou com uma cabeça que não era de caça, mas sim de humana pendurada numa vara, no instante perceberam que foi vingança, homem foi quem a matou. Não aceitaram a vingança e correram para cima a fim de matá-lo. Ao aproximando, de longe avistaram ele construindo sua escada e gritaram: espere! Foi você quem matou ela! Espere, hoje você vai morrer também. Ele estava quase finalizando a escada faltava apenas dois degraus, aproximaram-se dele tão rápido um deles que estava mais na frente correu com um facão a fim de matá-lo, e ele em questão de segundo concluiu a escada e deu um salto relâmpago para cima. Ele então arremessou o facão e conseguiu amputar a perna esquerda do fujão. Ele porém conseguiu fugir só com um lado da perna e ficou aleijado. Os vingadores chegaram embaixo da escada sem poder subir atrás, porque a escada se desfazia, os degraus se desfaziam assim impossibilitou a subida de todos. Contudo ficaram violentamente irados embaixo sem poder fazer nada.

O homem fugitivo se transformou em constelação conhecido como “thowa hwe” (Três Marias). Hoje pode apreciar o Thowa Hwe lá no céu em noite de lua cheia.

Uma outra versão acolhida com o senhor... informa que o Lapwsië era um grande pajé. Ele e sua filha única moravam junto com seu filho e sua nora. Sucedeu que naquele tempo se jejuava e preparando para ir embora para o mundo aquático. Ele precisava se retirar daqui da terra para viver no outro mundo.

O grande pajé então fingia que estava doente com muita febre, todo dia estava com febre e não tinha apetite para se alimentar. O seu filho caçava todo dia e sempre trazia algo para comer. Saía cedo para caçar e falava para sua mulher cuidar de seu pai e sua irmãzinha, ela respondia: Sim, pode ir caçar deixa comigo vou reparar. Ela aparentemente era uma mulher gentil o seu marido acreditava nela. Porém ela era uma mulher terrível muito má, escasseava tudo que era alimento para o pajé. Fazia mingau de banana, de macaxeira, de cará, e farinha não oferecia sequer um pouquinho para o sogro, ela servia sua cunhadinha por último com resto de mingau, afinal colocava uma cuia suja de mingau e resto de cana de açúcar embaixo da rede do pajé e só retirava quando o seu marido chegasse, isso para quando seu marido perguntar ela afirmar que está cuidando. No almoço repetia o mesmo cenário.

Quando realmente o seu marido chega e logo pergunta se o seu pai está melhorando, se comeu alguma coisa, ela responde: Sim. Ele comeu, espia sua vasilha embaixo da sua rede eu ainda nem ajuntei. Ele acredita, pensa que é verdade e trazem outra remessa de caça, mel e frutas e entrega à sua mulher. Todo dia repetia a mesma encenação.

Um belo dia resolveu fazer beiju de crueira (massa de mandioca) e planejou queimar a sua cunhadinha. Ela chamava Xiripinakô a filha única do lapwsiê. A mulher má começou a assar beiju no forno. A pequenina xiripinakô brincava ou redor do forno e de vez em quando ela chegava perto e pedia um pedaço de beiju para comer não atendia, ao contrário brigava com ela e dobrava os dedos e dava cocorote com os nós na cabeça da pequenina. O seu pai observando tudo o que acontecia. O xiripinakô insistia, ela aborrecida com a insistência da criança, pegou um pedaço de beiju partiu no meio e colocou na palma de sua mão e fechou-o segurando por alguns segundos e soltou, o beiju muito quente grudou os seus dedos. A criança não aguentou tanta dor saiu correndo pro lado pro outro gritando balançando sua mão tentando desgrudar e não conseguia e a mulher fingiu que não foi ela que causou todo esse transtorno, correu, abraçou a criança, limpou sua mão e enxugou a sua lágrima e acariciou um pouco tentando acalmá-la. Pois ela chorou tanto. Depois a criança dirigiu até seu pai ele pegou a mão de sua filha abriu os dedos e assoprou-a com a boca abundantemente e depois abraçou sua filha e passou as mãos nos seus cabelos e pôs se a chorar. E acalmava ela, dizia para não chorar que logo, logo iriam embora dali.

Quando o seu irmão chegou da caçada encontrou ainda sua irmã soluçava de dor e ela correu foi ao encontro do irmão e mostrou a sua mãozinha ao seu irmão. Viu então que a palma da mão realmente estava machucada e ficou com muita pena e logo dirigiu à sua mulher e perguntou o que aconteceu com Xiripinakô. Ela falou que estava brincando ao redor

do forno enquanto fazia beiju e ela escorregou queria apoiar com sua mão e se queimou no forno. O seu pai observou tudo, porém não questionou nada. Pois o dia marcada para eles irem embora estava próximo faltava apenas uma semana, só esperavam a noite da lua cheia.

Tudo tranquilo, o seu filho não está sabendo do planejamento do seu pai, pra ele tudo era perfeito. O casal continuava com sua convivência praticando as mesmas atividades: caçar, comer e beber. O pajé também continuava jejuando.

Quando faltavam três dias o pajé levantou se da rede, pôs em pé começou a arrumar os seus materiais para defumá-los, ainda preparou banho de ervas para tomar banho. Isto é, para tirar forte cheiro do seu corpo se preparando pra irem embora. O grande pote de barro era sua embarcação, o pacará (cesto retangular) era para guardar seus pertences como: Maracá, cigarro de tawari (abade de casca de árvore) e outros de acordo com a necessidade. Todos foram defumados com fumaça de tabaco. No dia seguinte chamou a sua filha única para banhar e defumá-la assim se preparando para embarcar a borda do grande pote.

Quando chegou o dia, o seu filho inocentemente saiu cedo para caçar só chegou meio dia almoçou depois voltou de novo para caçar e chegou de tardinha. Na ausência do filho aproveitaram embarcaram suas coisas e saíram para fora esperando chegar o filho para contar o motivo da saída deles. Quando chega o filho encontrou a casa vazia não viu o seu pai e sua irmãzinha sentiu falta e perguntou à sua mulher dizendo: --- Onde estão o meu pai e minha irmã, pra onde foram?

Ela respondeu: --- não sei pra onde eles vão, não falaram comigo, eu vi eles se arrumaram e embarcaram no grande pote e saíram pra fora. Espia eles estão lá fora no meio do rio. O homem correu chamou o seu pai e sua irmã e disse: --- O que está acontecendo pra onde vocês vão? Eu cuidava tão bem de vocês, sempre ia caçar pra minha irmãzinha comer, voltem venham comigo! Não me deixam sozinho.

O pai depois de ouvir o choro do seu filho e disse: Meu filho, você não está sabendo o que acontecia conosco durante todo esse tempo. A sua mulher não cuidava bem de nós. Na tua ausência ela nos maltratava não me dava nada para comer nem para beber, ela escasseava tudo para nós colocava resto de comida e ossos embaixo da minha rede para dizer que eu já comi e quando tu chegas do trabalho você pergunta dela se eu já comi alguma coisa, ela lhe enganava, dizia sim, olha embaixo da sua rede que sobrou, nem terminou de comer tudo, assim ela agia conosco. Afinal ela queimou a sua irmãzinha com beiju, por isso estamos indo embora, vamos para o fundo do mar, lá vamos nos prepararmos para transformar em estrela e vamos morar no céu, no mês de maio vamos estar aparecendo no

céu, todos vão querer nos enxergar. A sua mulher é causadora de tudo isso. Pois um dia ela vai lembrar de nós. Quando a lágrima de sua irmã derramar sobre a terra em forma de chuva, e a água invadir a sua casa, nesse tempo haverá muito choro.

O homem, ao ouvir o relato do seu pai, não teve sossego, corria pro lado pro outro puxando o cabelo soltando grito e chorou ensurdecedor e chamava a sua irmãzinha pelo seu nome dizendo:

- Xiripinakô!

Ela respondia:

- ummmm!

- Para onde você vai? Volta venha comigo não me deixa sozinha. Ele chorava muito ao ouvi a voz de sua irmãzinha. De vez em quando ele chamava Xiripinakô e a sua voz cada vez mais ia desaparecendo e o homem continuava chorando amargamente.

Ele pegou uma vara comprido e afincou na beira do rio e amarrou sua canoa. O seu pai sempre falava pra ele não aproximar deles, porque o redemoinho e a borbulha que o jarro causava na água pode alagar sua canoa.

Eles então foram afundando e desaparecendo devagar. Apesar de ser uma noite de luar cheia, estrelada e ventilada foi uma noite de pânico e tristeza, onde foi derramada muitas lágrimas. O homem ficou ali até meia noite e voltou para casa.

Quando chegou em casa, viu a sua mulher já deitada na sua rede e chamou dizendo: Venha cá! Me conta tudo o que aconteceu com meu pai e minha irmã. O que você fez com eles. Meu pai me contou tudo como você vivia com eles em casa na minha ausência você escasseava tudo que eu trazia em casa colocava resto de comida e ossos embaixo da sua rede. Você queimou a minha irmãzinha com beiju na sua mão. Por esse motivo que eles foram embora. Então hoje você vai pagar por tudo. Pegou a mulher pelo braço arrastou no chão e bateu nela violentamente e disse:

- Agora você vai ficar aqui sozinha eu vou embora morar em outro lugar.

Ela por sua vez queria se defender dizendo: --- Não é verdade é mentira eu não fazia isso com eles, não queimei Xiripinakô, ela escorregou sozinha e se queimou no forno. O marido muito irado deu tanta surra nela que chegou a desmaiar e foi embora deixou ela sozinha em casa.

O pai da Xiripinakô o famoso pajé, havia dito para seu filho, um dia a sua mulher vai lembrar da sua irmãzinha, quando as lágrimas dela se transformarem em chuva e vai cair sobre a terra para invadir sua casa aí ela vai lembrar do mal que fez com xiripinakô.

Afinal, foram embora para o fundo das águas, se transformaram em estrelas das águas, sete estrelas e foram morar no céu.

A cada ano no mês de maio, Sete Estrelas aparece no céu. Dizem que ele traz consigo: muitos peixes, caças, aves, filhotes de animais, frutas e outros. Além disso a sua presença embeleza as árvores, principalmente as roças, as mandiocas crescem rápido e dão raiz. Dizem que é tempo de muita fartura, quando sete estrelas aparecem no céu atraem muitos animais. Por ser uma constelação atraente muitos querem vê-lo.

O pajé transformou a mulher em um sapo cururu, por isso quando caem as primeiras chuvaradas de dezembro e janeiro o sapo chora e reclama da chuva que está invadindo a sua casa. A xiripinakô por sua vez se transformou também em um lindo sapo pequenininho muito colorido, mora entre as pedras das montanhas da terra firme. O choro silencioso do referido animalzinho apaixona todos os que o ouvem. Dizem que o sapo é a irmã do lapwsiẽ.

## APÊNDICE B

### HISTÓRIA DO SARACURA E MAGUARI (IXTWÁ SARAKURÁ)

Saracura e Maguari eram concunhados, ambos moravam na mesma casa. O Saracura era mariscador de peixes miúdos, só pescava camarão e matupiri. Quando saía para pescar sempre trazia um ou dois cestos cheios de peixinhos e camarões para sua família, ele era muito esperto, pescava todo o dia, era muito respeitado por todos. Serviam-lhe caxirim<sup>10</sup> e mingau numa cuia bem pintada. Já o Maguari era um rapaz cujo talento é de pescar peixe graúdo, só que ele não demonstrava o seu talento, como não pescava ele era desconsiderado como líder, para ele era servido também caxirim e mingau, porém em uma cuia branca sem ornamentação. Maguari era pescador e também carpinteiro, ele edificava uma casa e não tinha tempo para pescar. O Saracura era um rapaz que não entendia de construção e fizeram um acordo de convivência. A combinação foi que o Saracura era responsável todo dia pela pescaria e o Maguari pela construção. Todos executavam suas tarefas direitinho de acordo com o que tinham combinado.

Em uma divertida roda de almoço a sogra de ambos os rapazes engoliu espinho de peixinho, ela se irritou e murmurava dizendo: - Já estou cansada de comer peixinho e camarão todo dia, não sei quando vou poder comer um peixe graúdo não tem ninguém que possa ir pescar peixe. O Maguari ouviu o sussurro da sogra e por ser um rapaz calmo e respeitoso ele se envergonhou e logo pensou que não sairia para pescar, não ajudaria o Saracura na parte de alimentação e planejou uma pescaria. Chamou o Saracura em particular e convidou-o para uma pescaria. O concunhado concordou e disse: - Vou te levar no igarapé onde tem abundância de peixe e de camarão, é lá que sempre pesco e traz um ou dois cestos cheios de peixes e camarão. Maguari confirmou dizendo: - Sim, iremos amanhã de manhã.

No dia seguinte, bem cedo, Saracura se arrumou, pegou suas armas, embarcou na canoa e ficou sentado esperando o Maguari. Ele sem pressa chegou um pouco atrasado, porém o atraso não interferiu em nada, os dois saíram juntos para pescar. Ao chegar no lago o Saracura falou: - Meu concunhado é aqui que eu pego peixe para nossa família vamos por aqui, venham, não demorem. Maguari respondeu dizendo: - Vai na frente, eu venho atrás. Ele se ajeitou pegou o arco e suas flechas e voou na direção do mar, ele foi pescar na praia, ao chegar no local ele se pôs em pé um pouco para fora no meio de um poço d'água, sacudia

---

<sup>10</sup> Caldo de beiju, diluído em água. Licor fermentado, extraído da mandioca por destilação.

suas asas despejando na água um pó embranquecido para atrair e adormecer os peixes. Isso tudo era o jeito do jovem Maguari pegando peixes. Ele conseguiu pegar duas cambadas de diversos peixes, tais como dourada e pescada, e voltou logo para a canoa.

O Saracura, por sua vez, foi pescar na cabeceira do igarapé onde todo dia costumava pescar, ele corria para o lado e para o outro com cesto na mão cercado os peixinhos e camarões. Ele como de costume encheu rápido dois cestos cheios. E chamava o concunhado pensando que ele ainda não conseguiu pegar nada e chamava: venha para cá que vou lhe ajudar. Ele, portanto, vinha chegando arrastando uma cambada de peixe. O Saracura também chegou com dois cestos cheios de peixes e embarcou na canoa.

O Maguari pediu para o Saracura levar a canoa até ele. Ao chegar perto, pediu para ele firmar a canoa em que iria embarcar. Então o pescador de peixes menores segurou a canoa e Maguari embarcou duas cambadas de peixes graúdos. Quando o Saracura viu o tanto de peixes, ficou envergonhado com os peixinhos que ele pegou. Então voltaram para casa.

Quando chegaram perto de casa, o Saracura assobiando mostrou infelicidade e vergonha. Ao chegarem no porto de suas casas, as mulheres curiosamente correram ao seu encontro para verem a quantidade de peixes que foram pegos pelos pescadores, viram as duas cambadas de peixes maiores, no entanto souberam que foi o Maguari que pescou e alegraram-se. Logo elogiaram o Maguari e foi considerado como um bom e famoso pescador de peixes maiores. A mulher do Saracura perguntava cadê o peixe que você pescou ele envergonhado assobiava dizendo que os dele eram aqueles que estavam atrás. No entanto serviram-lhe o bom pescador com alimento em cuia ornamentada e o Saracura por sua vez foi servido em cuia não ornamentada, portanto foi desprezado pelas mulheres. O Saracura envergonhado foge, vai para o mato. E o Maguari altivo recusa o bem-bom sai voando alegremente pela beira do rio.

## APÊNDICE C

### HISTÓRIA DO XAMÃ FĀKONĪ E GIL PÓL

Fākonī era Galibi-Marworno, morava na região do Uacá ocupando várias ilhas e ponta de terra da região. O Gil Pól não era indígena, pois morava na região do Oiapoque numa montanha localizada, à beira-mar, conhecido como Mōtāi bhwie (Monte lixeira). Ambos eram pajés de alto escalões. Dizem que entraram em uma guerra que durou um ano. Por motivo de poder. Para começar uma briga um tem que desafiar o outro. Exemplo: O Gil Pól matou a filha do Fākonī de propósito sem merecer. Os pajés antigos tinham um costume de experimentar-se um ao outro para ver se realmente o adversário tem poder maligno paralelo ou superior ao outro. Nesse caso eles matam de preferência a filha ou filho único(a), se não a mulher ou o marido. A partir de então começam a briga espiritual. Manda seus karuãnas combatentes invisíveis atacarem. Isso aconteceu com os dois.

O que aconteceu com os dois. É claro que ele reagiu se vingou e no vacilo do Gil o Fākonī consegue matar a sua filha única e a briga continuou, desta vez um chantageando o outro de matar a esposa. A briga foi terrível, na casa do pajé indígena por exemplo a tokay (tenda de tecido onde o pajé auxiliado pelo seus karuãnas diagnostica e cura doença) era atada vinte quatro horas. Toda noite e todo dia e algumas horas do dia tinha cessão de cantarola acompanhada de bebida caxirim, ação específico para convocar e reunir firmes os “poderosos” guerreiros invisíveis para vigiar e proteger o xamã e seus pessoal.

A partir das seis horas da noite, é preciso que toda família esteja dentro de casa, dizem que nesse horário adiante os karuãnas se aproximam afim de pegar a pessoa ameaçada ou qualquer outra pessoa para torturar. Por isso, o pajé aciona os karuãnas mais esperto para assumir o papel de vigilante. Nesse tempo a briga era acompanhada por tempestade e durante a noite eles ouviam suadas de arranhões nas paredes da casa do pajé e assobio de pessoas invisíveis em torno da casa. Esta prática era rotineiro durante o percurso da referida guerra.

O conflito era todo dia. O pajé indígena cansou e pediu apoio do seu cunhado que também era pajé para ser o texto de ferro por alguns dias, porém não era tão poderoso quanto o Fākonī. Ele pediu para o cunhado substitui-lo enquanto se descansava um pouco. Então passou o bastão para o seu cunhado que ficou na posição de comando. Porém o seu apoio não ajudou em nada. Mal começou, ele deu uma tapa na cara do Gil Pól que não gostou. Ele chamou atenção dizendo: não te mete! Você é muito fraquinho, a briga não é

com você! Sai e somem da minha frente, empurrou-o e caiu no chão. Nesse momento o Fãkonĩ estava muito longe de casa foi se esconder num local chamada Konêstab nome de uma grande pedra que fica localizada no alto mar. Na cosmologia Galibi-Marworno dizem os pajés que há dois domínios de moradas de seres diversos: Este mundo onde mora todos os seres visíveis, e outro mundo, lugar das pessoas invisíveis e localizado sob rios, lagos, mares e montanhas. Lá naquela grande pedra morava um enorme pássaro por nome maçarico ave aquática pernalta. Os seres sobre naturais só são vistos através de visões e sonhos realizada pelos pajés durante o “maxitôtô”/sessão de cantarola. Em uma das sessões o pajé Fãkonĩ pediu permissão daquele pássaro para se esconder e repousar um pouco embaixo do seu ninho, pois estava muito cansada, ele permitiu. Ali ninguém enxerga nada é um esconderijo invisível, ninguém aproxima, nem entra para invadir o terreiro, porque o ninho se caracterizava totalmente como um rolo de arame farpado e o bico era sua arma muito perigoso.

O outro estava procurando o seu inimigo por todo quanto é lado, não conseguia encontra-lo. Pois ele estava bem escondido, ele correu para norte, sul, leste e oeste até que viu o seu rastro e colocou um dos seus karuãna para farejar o inimigo, e ele o trouxe na direção do ninho. Sabendo que ali é setor de outra entidade, ficou de longe espinhando, querendo aproximar devagarinho. O maçarico enxergou de longe e disse: O que vem buscar aqui? Você não tem medo que te dê uma bicada e furo teu olho? Pode volta. Ele ao ouvir a voz do grandalhão se recuou rapidamente e voltou.

Passou uma semana o Fãkonĩ saiu e voltou para sua casa recuperado do sono e de repente apareceu novamente tomou o bastão do seu cunhado e continuou a batalha. Em sua casa os “palika” (ajudantes masculinos) e “kwayanynã” (ajudantes femininos) e outros entre homens e mulheres não paravam de cantar e beber caxirim.

O xamã Gil Pól consegue levar intencionalmente em erro o pajé Fãkonĩ. Ele pediu paz, dizendo: Nós já brigamos muito, vamos parar de brigar, agora sei que você é um pajé superforte ninguém te engano tão fácil. Eles deram a mão um ao outro demonstrando um ato de paz. Porém tudo invisivelmente. Fãkonĩ também falou dizendo: Nós lutamos de igual por igual, você matou a minha filha e eu matei a sua, você prometeu matar a minha mulher, eu também prometi matar a sua. Por tanto, ninguém conseguiu. Tu não me venceste nem eu consegui te vencer, e encerramos a briga com um empate de uma a uma. A partir de hoje não me ameaça, nem eu vou te ameaçar ponto final. Assim eles se despediram um do outro.

Porém, o xamã Fãkonĩ não confiou totalmente na fala do outro. Ele se preveniu obstruindo todos os acessos de entrada e saídas: Aérea, aquático e terrestre de todos os

lados com grandes barragens de malhadeiras. Além disso ele colocou vigia por todo os lados para vigia-lo. Sempre ficou atento, continuou com a tokay atada e com sessão de cantarola e bebida caxirim de vez enquanto.

Passou uma temporada de um ano mais o menos o Gil Pól pensou em perseguir novamente o mesmo, mandou uns dos seus karuãnas espiar o seu terreiro pra verificar como está. Eles enxergarem as portas tudo obstruído e voltarem. Ele mandou novamente os seus soldados de guerra um de cada vez para tentar passar, mas nenhum deles conseguiram.

Nesse intermédio o grande xamã Fãkonĩ não percebeu nenhuma perseguição, portanto depositava confiança nos seus karuãnas que o vigiava. E o Gil, porém, pouco a pouco o traia.

Ele muito teimoso, mandou o seu último karuãna matar Fãkonĩ de traição. Tinha mandado seres invisíveis de vários tipos nenhum deles conseguiram. Arraia um dos soldados mais esperto foi convocado pelo pajé. O mesmo saiu devagar e chegou perto de um grande navio de guerra cheio de combatente preparada pra guerra e ninguém o enxergou. Ele mergulhou passando rente a terra ou até mesmo entre a lama, chegou embaixo do barco deu uma paradinha relâmpago verificou que nenhum deles perceberam a sua presença e seguiu a diante passando com facilidade e foi bater ao porto do Fãkonĩ. Ele olhou por todo lado não viu o pajé. Por tanto nesse dia o pajé tinha saída para pescar com sua mulher. Desprevenido subiu em cima de uma árvore com fecha na mão esperando peixe, uma prática de pescar com flecha. A sua mulher esperava na canoa, ela era quem ajuntava os peixes.

Com tudo, o perseguidor parou e sentou-se no fundo do rio olhando por todo canto até que o enxergou sentado em cima de um galho. Então, devagarinho se aproximou-se dele e chegou embaixo da árvore sem ele perceber olhou e viu a sua mulher, todavia, não queria mexer com ela, veio exatamente atrás do pajé. Não pensou duas vezes pegou sua seta lançou e acertou-o na nádega direita, isto é, justamente pra dificultar ele sentar no banco para realizar o maxitôtô/sessão de cantarola, para verificar o que aconteceu. Quando ele flechou e acertou, dizem que ele gemeu e falou para sua mulher vim busca-lo que algo de ruim aconteceu. Logo não podia se mexer a sua perna ficou toda adormecida. A sua mulher então imaginou rapidamente que fosse o seu inimigo que flechou, logo foi busca-lo e trouxe para casa e passou diretamente para tokay. Porém não podia nem sentar no banco pra pegar o maracá para chocalhar e chamar os médicos invisíveis para diagnostica-lo. Sentia muita dor. Ele pediu pro seu cunhado executar a sessão, mas não adiantou nada, ele não dava conta o outro xamã tinha domínio mais do que ele e não permitisse a realização da

sessão, ele por tanto, entrava na tokay sentava no banco para começar a cantarola os karuãnas muito agressivo empurravam e lhe tiravam o maracá da sua mão, desmanchava a tenda, bagunçava com ele de todo jeito. No entanto, o paciente passava mal não podia se defender contra o ataque do inimigo e o pajé Galibi-Marworno faleceu e o Gil Pól venceu a guerra.

## APÊNDICE D

### A HISTÓRIA DO TXIKWÃ

Contam os antigos que, antes do dilúvio, havia um homem que trabalhava sozinho no seu estaleiro fabricava uma grande canoa para o uso diário, todo dia ele ia pro mato trabalhar, assim que ele chega no estaleiro, lá havia um passarinho conhecido como txikwã (pássaro de revelação) que chorava de hora em hora. Dizem que quando um passarinho chora ele dá sinal, ou seja, traz notícia ruim e quando está alegre traz boas novas. Um belo dia ele saiu cedo para o trabalho, quando chegou no local ele começou a cortar a madeira, de repente ouviu um estalo por traz de sua costa e olhou e se deparou com uma pessoa e ficou arrepiado de medo, no entanto a mesma falou com ele dizendo: não tenha medo, não veio lhe fazer mal, veio trazer uma notícia boa para você. Em seguida interrogou-o. O que faz aqui? Estou construindo uma canoa respondeu o carpinteiro. Eu queria falar contigo desde o primeiro dia quando tu chegaste aqui, pois esse passarinho que chorava era eu, eu sou Deus veio trazer uma mensagem à você. Então ele falou ao homem dizendo: deixa este trabalho não constrói mais essa canoa, porque mais tarde ele se transformará em uma grande cobra que pode lhe devorar. É bom construir um intenso barco que caberia tu e sua família e vários animais, você não vai trabalhar sozinho vou lhe acompanhar todo dia. O homem perguntou, porque tu me mandas construir esse grande barco? Ele respondeu, porque o fim dos tempos está chegando, o mundo vai acabar com dilúvio, cairá muita chuva a água vai crescendo até passar os topos das montanhas e vai alagar toda a fase da terra e mão vai escapar ninguém, todos vão morrer, só vai escapar aqueles que entrarem pra dentro da grande embarcação. Passa essas informações para seus vizinhos e outras pessoas, aqueles que ouvirem teus conselhos viverão e os que não crerem nas tuas palavras morrerão. Faça o que eu mandar, é bom para você, amanhã voltarei novamente pra lhe ajudar a construir essa embarcação, você não vai trabalhar sozinho todo dia vou aí te visitar. Ao terminar de transmitir a mensagem ele se despediu e foi embora.

O homem ficou triste pensando no que ouviu e foi embora para casa, ao chegar na sua casa ele reuniu sua família e contou tudo o que aconteceu com ele, e eles acreditaram. Na manhã seguinte o homem e seus filhos foram começar a construção do grande barco, e o txikwã apareceu novamente, desta vez não chorou ele chegou com uma melodia suave e alegre e se transformou em um homem e logo gritou para eles dizendo cheguei novamente para falar com você veio passar as instruções de como é para construir essa grande arca.

Ele orientou dizendo que não é para deixa de fazer esse grande transporte porque esse meio serviria para salvar a família e também os animais, assim ele foi incentivado a construir essa grande embarcação, trabalho que demorou anos antes de aprontar, porém foi concluído. Enquanto construía, assim convidava as pessoas para ajudar e ninguém queria, todavia zumbavam dele ninguém acreditava nele, alguns falavam que o dilúvio não aconteceria é mentira, isso não vai acontecer. Todos dançavam, bebiam, outros se prostituindo faziam o que bem queria na face da terra, nem se preocupavam com os conceitos do homem. Ele, portanto, insistiu, anunciando a mensagem do Senhor pois ninguém acreditava. Assim fez ele conforme tudo o que o Senhor lhe ordenara.

Quando ele concluiu a embarcação, disse então o txikwã: Entra tu e toda a sua família dentro do barco, por que tu obedeste a minha palavra, deixa entrar também todos os animais macho e fêmea, para se conservar em vida. E entrou o homem e seus filhos e as mulheres dos seus filhos e os animais de dois em dois. Depois ele fechou a porta e fez chover quarenta dias e quarenta noite e cresceram as águas e levantaram o barco que flutuava sobre as águas. Todas as montanhas que havia na terra sumiram debaixo das águas e aqueles que não queriam acreditar na palavra do Noé se arrependeram, choravam e gritavam pedindo para que abrisse a porta, porém não podia mais era muito tarde, todos morreram afogados. As águas diminuíram e o barco parou de sacudir. Então o homem percebeu que estava secando e soltou uma pomba, para verificar melhor se realmente estava secando, a pomba saiu e voltou, o homem entendeu que as águas ainda estavam sobre a face da terra e esperou por uma semana e soltou novamente a pomba que saiu e voltou, porém não encontrou árvore para repouso do seu pé. Esperou ainda mais alguns dias e tornou a enviar a pomba, desta vez voltou e trouxe no seu bico um ramo de árvore, prova que as águas estavam baixando e conheceu o homem que as águas estavam diminuindo. Com mais uma semana soltou novamente a pomba que demorou a voltar e o homem enviou o urubu para ver o que estava acontecendo, que saiu, indo e viu a pomba comendo os corpos humanos que estava em estado de decomposição e voltou contou para o homem que então o amaldiçoou, dizendo: agora a pomba torna-se o urubu e o urubu a bomba, por isso até hoje o urubu se alimento de coisas pobre.

Então falou Deus ao homem dizendo: Sai do barco tu e sua mulher e teus filhos e suas mulheres, também todos os animais que estão contigo trazem para fora e todos saíram do grande barco. Assim aconteceu com o homem que estava construindo uma canoa.

## APÊNDICE E

### A HISTÓRIA DO PASSARINHO ORFÃO

Nos tempos em que todos os pássaros eram gente, havia um casal com seu filho morando no canto da floresta, ali construíram a oca para morar e se proteger do sol e da chuva. Naquele local, viveram muito tempo juntos com os demais, trabalhando construindo roças, plantando para sustentar seu filho. Com passar do tempo a mãe e o pai adoeceram e morreram, e o filho ficou órfão e passou morando com seu tio.

Um certo dia, o alimento escasseou e o tio saiu à procura de mantimento para manter a família e deixou a mulher e o pequeno em casa. A tia resolveu cozinhar batata para o almoço, quando aprontou ela começou a comer, o pequenino aproximou-se perto dela com sua cuia sentou em posição curvado, vergou suas pernas e colocou-as uma sobre outra esperando por uma batata, porém viu que a sua tia não lhe dava atenção, olhou para os seus olhos e estendeu sua mãozinha pedindo um pedaço. A tia não dava ouvido à pedido do pequenino, pelo contrário escasseava para ele, descascava as batatas comia a massa e colocava a casca na sua cuia e dava para ele comer. Ele ficou lambendo as cascas, de vez enquanto estendiam sua mão e pedindo um pedaço. Ela não dava nem se quer um pedacinho.

Quando o tio chegou, o menino infeliz contou, emocionado, dizendo: “Tio, tio a titia me deu casca de batata tio”, (bis) o tio passou a mão nos cabelos do sobrinho tentou acalmá-lo e o pequenino continuava chorando. “Tio, tio a titia me deu casca de batata tio”.

Quando todos transformaram em pássaro, cada um de acordo com sua espécie e sua linguagem ficou com uma melodia específico, e o passarinho órfão ficou com esta melodia suave e triste, que em kheuól o choro diz: “Tõtõ, tõtõ, tan bamũ lapo napi tõtõ”.

Pelo fato que a tia escasseou batata a ele e não atendeu o pedido, o passarinho órfão não se contentou com isso, porém quando seu tio chegou, correu ao seu encontro começou a chorar de modo concomitante comentava tudo que havia acontecido. O choro deste passarinho se transformou em uma melodia muito lindo.

## APÊNDICE F

### A HISTÓRIA DO HOHO - (HISTÓRIA DO ANÃO SUBTERRÂNEO)

Havia um casal de bicho conhecido como yorokã, que significa “homem da mata” ou “homem das cavernas”, com seu filho que morava no centro da floresta. Dizem que o yorokã é um homem grande forte e alto, também conhecido como diabo dá mata. Um belo dia resolveu sair para caçar, passou as mãos nas suas armas e saiu sozinho e deixou a mulher e seu filho em casa e falou para sua mulher que iria chegar antes do meio-dia, foi embora, caminhando devagar afim de matar algo para comer. No meio da trilha encontrou um macaco-aranha, flechou e matou, colocou-o no seu ombro e continuou a caminhar atenciosamente.

Porém, na sua ausência o hoho (nanico do mundo subterrâneo) invadiu o seu território e levou a sua mulher, correu para a direção de uma montanha conhecida como yanwaká, montanha encantado que abriga várias entidades sobrenaturais.

O filho do yorokã ficou sozinho chorando amargamente, mesmo distante o pai tem privilégio de ouvi o barulho de casa. Quando ouviu o choro de seu filho, ele parou e escutou atentamente, não ouviu a voz de sua mãe e logo percebeu que era o seu filho que estava chorando, ou seja, se comunicando com ele através do choro chamando pelo seu nome, no entanto pensou que alguma coisa tinha acontecido na casa, algum predador invadiu seu ambiente. Por tanto ele ouvia o choro como se fosse um cântico, um comunicado que dizia: yorokã txitamĩ mitamĩ tootayranã; yorokã txitamĩ mitamĩ weytoranã, yaniwaka-topo hohoho patũta. Essa frase significa dizer: “yorokã, vem depressa levaram a mamãe para o centro da mata; yorokã, vem depressa roubaram a mamãe levaram para a montanha yaniwaká-topo, foi o nanico que levou para o centro da mata”. Quando o grandalhão ouviu o comunicado, ficou louco e irritadíssimo e voltou correndo como se fosse um vento ao encontro do seu filho, arrastando folhas e galhos com seu peito. Não demorou chegou e jogou o macaco no jirau e viu o seu filho sentado no meio da casa chorando e perguntou dizendo: --- cadê a sua mãe? Respondeu o filho: --- O hoho levou para a montanha yaniwaká-topo. Então ele pegou o se filho e colocou no seu ombro e correu na direção da montanha, no instante alcançou a serra e viu a sua mulher dançando e bebendo com o hoho. Ele invadiu o terreiro das entidades, brigou com o hoho e tomou a sua mulher de volta. E retornaram para sua casa.